

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DE RONDÔNIA
NÚCLEO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LETRAS
MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS

THIAGO DA SILVA PEREDO

**CONSTRUÇÕES NEONÍMICAS EM ORO NAO': ANÁLISE DO
CAMPO SEMÂNTICO "CASA"**

PORTO VELHO/RO - 2022

THIAGO DA SILVA PEREDO

**CONSTRUÇÕES NEONÍMICAS EM ORO NAO': ANÁLISE DO
CAMPO SEMÂNTICO “CASA”**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação Mestrado Acadêmico em Letras (PPGL) como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Letras pelo Núcleo de Ciências Humanas da Universidade Federal de Rondônia (NCH/UNIR)

Área de concentração: Línguas, Linguagens e Culturas Amazônicas

Linha de pesquisa: Estudos Descritivos e Aplicados de Línguas e Linguagens

Orientadora: Profa. Dra. Patrícia Goulart Tondineli

PORTO VELHO/RO - 2022

Catalogação da Publicação na Fonte
Fundação Universidade Federal de Rondônia - UNIR

P434c Peredo, Thiago da Silva.
Construções neónímicas em Oro Nao': análise do campo semântico "casa" / Thiago da Silva Peredo. - Porto Velho, 2022.

87 f.: il.

Orientadora: Profa. Dra. Patrícia Goulart Tondineli.

Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação Mestrado Acadêmico em Letras - PPGML. Núcleo de Ciências Humanas. Fundação Universidade Federal de Rondônia.

1. Línguas indígenas. 2. Oro Nao'. 3. Neónímia. 4. Campo semântico "casa". I. Tondineli, Patrícia Goulart. II. Título.

Biblioteca Central

CDU 81'37(043)



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
MESTRADO EM LETRAS

LISTA DE VERIFICAÇÃO

THIAGO DA SILVA PEREDO

CONSTRUÇÕES NEONÍMICAS EM ORO NAO': ANÁLISE DO CAMPO SEMÂNTICO "CASA"

Dissertação apresentada em 15 de dezembro de 2022 ao Programa de Pós-Graduação Mestrado em Letras (PPGML) da Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR) como um dos requisitos para a obtenção do Título de Mestre em Letras e aprovada em sua forma final pela banca examinadora constituída pelos docentes:

BANCA EXAMINADORA

Professora Dra. Patrícia Goulart Tondineli, Presidente da Banca e Orientadora (UNIR)

Professor Dr. Selmo Azevedo Apontes, Membro Interno ao Programa (UFMG)

Professor Dr. Antônio Almir Silva Gomes, Membro Externo (UNIFAP)



Documento assinado eletronicamente por **Antonio Almir Silva Gomes, Usuário Externo**, em 07/02/2023, às 11:20, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Selmo Azevedo Apontes, Usuário Externo**, em 07/02/2023, às 11:25, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **PATRICIA GOULART TONDINELI, Docente**, em 10/02/2023, às 10:37, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.unir.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1242436** e o código CRC **2FA72142**.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela sua infinita graça e misericórdia, por me guiar todos os dias e abrir os meus caminhos para que eu pudesse seguir sem olhar para trás e para que eu pudesse alcançar tudo que havia planejado nessa caminhada.

À minha família, especialmente, à minha amada esposa, Nátila Fiama, que sempre esteve ao meu lado nos momentos mais difíceis, sempre com um afago de “vai dar tudo certo!”. Suas palavras positivas sempre foram importantes para mim. As minhas filhas, meu bem maior, Bárbara e Pérola, por sempre serem o motivo para que eu não desistisse. À minha Mãe, Vanda, que sempre intercedeu por minhas conquistas e sempre me aplaudiu em minhas vitórias; ao meu pai que sempre esteve ao lado; à minha irmã, Juliana, por ser um esteio na vida dos meus pais e suprir o vazio de minha ausência quando não pude estar perto. Ao meu avô João Rodrigues da Silva (*in memoriam*), tenho certeza de que se estivesse entre nós, em vida, estaria muito feliz por esta conquista – sempre foi uma grande inspiração para mim.

À minha querida orientadora, Professora Patrícia Goulart Tondineli, por quem sempre tive uma grande admiração e sempre foi atenciosa durante a escrita deste estudo – a minha inteira e eterna gratidão por esse grande presente em ter sido seu orientando e por cada dia motivar a pesquisar sobre as línguas indígenas estas minoritárias.

Ao meu querido amigo e colaborador de pesquisa, o Sr. Joel Oro Nao', que contribuiu imensamente e compartilhou sua língua Oro Nao' comigo e apresentou a história de seu povo e a importância de lutar e seguir com pesquisas na área.

Aos meus grandes amigos que conheci durante as aulas do mestrado: Elizangela, minha querida amiga, que me instigou em muitos momentos em minhas pesquisas; Priscila e Josimar, vocês são incríveis, amamos linguística, somos apaixonados pelo que fazemos, a troca de conhecimentos em reuniões on-line foi incrível.

Aos meus queridos professores que tive durante estudo no mestrado: Professora Ana Vilacy Galúcio, Sidney Facundes, Patrícia Goulart Tondineli, em suas aulas na UFPA em Introdução às Línguas Indígenas; Marília Lima Pimentel Cotinguiba em Linguística Aplicada; Quesler Fagundes Camargos na disciplina de Morfossintaxe, a cada dia que passa amo mais ainda esta área; Selmo Azevedo Apontes, fico grato

pela colaboração sobre dúvidas que tive referentes ao grupo Wari' e sempre esteve disposto a me auxiliar; e Élcio Aloisio Fragoso, pelo aprendizado durante do curso.

Por fim, agradeço pela vida concedida por Deus a mim, diante de muitas perdas no ano de 2020 e 2021, todos os dias, o Senhor tem me guardado por sua infinita misericórdia, agradeço pela oportunidade de sentir-me orgulhoso em estudar em uma Universidade Pública e Federal e por sempre permitir que tudo aconteça no momento certo. Agradeço pelo dom que tu me deste de amar fazer o que faço, e por me permitir chegar até aqui na realização deste sonho.

RESUMO

Este é um estudo sobre a neonímia e o comportamento de construções nominais em Oro Nao', uma variante linguística Wari da família linguística Txapakura existente no norte do Brasil, no território de Guajará-Mirim (RO). A neologia é o estudo de novas construções morfológicas, semânticas e lexicais na língua em que são utilizadas, neste estudo, em formações frasais e nominais; no caso, em Oro Nao' (Wari-Txapakura), o processo é analisado pela inserção lexical referente a objetos não indígenas no campo semântico "casa" que atualmente são comuns e em uso na comunidade. Sendo assim, referencia-se em dados coletados em construções nominais e avaliados de acordo com estudos baseados, especificamente, por Apontes (2015), "Descrição gramatical em Oro Waram - variante Wari", e Sousa (2009), no *Dicionário da língua Wari'* - dialeto Oro Mon. Observa-se que há alguns processos em que formações semânticas e lexicais são usuais para representação de uma nova entidade, como *makon* que corresponde a 'cipó' na língua e que, dependendo da aplicação em seu uso, denotam outros sentidos (fio de energia elétrica e corda). Há outros processos em função em que a construção nominal apresenta um elemento modificador *kayi* + núcleo (modificado), o fenômeno ocorre para nomear uma nova função à entidade que não é elemento pertencente ao universo como *kayi +naram* (*naram=luz*), cuja construção se associa a uma nova entidade "vela", objeto que não pertence, originariamente, ao mundo material indígena. Observa-se também que *yi* em uma construção interna posposto ao núcleo (modificado) infere modificação ao elemento central, que passa a representar uma nova formação em um sintagma nominal, *panayi xirim'* (*pana=árvore + CLF + casa*), que corresponde a "caibro". Queixalós e Gomes (2016) sugerem que há possibilidade de compreensão na ordem dos elementos descritos na sentença na maioria das línguas indígenas amazônicas. O elemento *mam* em início de sentença apresenta função de FINAL. que, anteposto a uma entidade + complemento, nominaliza-se, ao passo que cria finalidade à entidade modificada, como em *mam kao to wa* (FINAL. + comer + estar), em que a função atribuída à entidade posposta possui a finalidade de "mesa". As lexias apresentadas são existentes na língua Wari', observando que os morfemas classificadores são modificadores da palavra já existente no universo indígena; sendo assim, a formação apresenta um signo novo com uma nova função na língua.

PALAVRAS-CHAVE: Línguas Indígenas; Oro Nao'; Neonímia; Campo Semântico "casa".

ABSTRACT

This is a study on neonymy and the behavior of nominal constructions in Oro Nao', a Wari linguistic variant of the Txapakura linguistic family existing in northern Brazil, in the territory of Guajará-Mirim (RO). Neology is the study of new morphological, semantic, and lexical constructions in the language in which they are used, in this study, in phrasal and nominal formations; in this case, in Oro Nao' (Wari-Txapakura), the process is analyzed by the lexical insertion referring to non-indigenous objects in the semantic field "house" that are currently common and in use in the community. As such, it is referenced in data collected in nominal constructions and evaluated according to studies based, specifically, by Apontes (2015), "Grammatical description in Oro Waram - Wari variant", and Sousa (2009), in the Dictionary of the Wari' language - Oro Mon dialect. It is observed that there are some processes in which semantic and lexical formations are usual for the representation of a new entity, such as *makon* which corresponds to 'vine' in the language and which, depending on the application in its use, denote other meanings (electric power wire and rope). There are other processes in function in which the nominal construction presents a modifying element *kayi* + nucleus (modified), the phenomenon occurs to name a new function to the entity that is not an element belonging to the universe as *kayi* + *naram* (*naram*=light), whose construction is associated with a new entity "candle", an object that does not belong, originally, to the indigenous material world. It is also observed that *yi* in an internal construction posposed to the nucleus (modified) infers modification to the central element, which comes to represent a new formation in a nominal syntagma, *panayi xirim'* (*pana*=tree + CLF + house), which corresponds to "rafter". Queixalós and Gomes (2016) suggest that there is possibility of understanding in the order of the elements described in the sentence in most Amazonian indigenous languages. The element *mam* at the beginning of a sentence has the function of FINAL. which, when placed before an entity + complement, is nominalized, while it creates finality to the modified entity, as in *mam kao to wa* (FINAL. + eat + be), where the function attributed to the postposed entity has the finality of 'table'. The lexemes presented are existing in the Wari' language, noting that the classifier morphemes are modifiers of the word already existing in the indigenous universe; thus, the formation presents a new sign with a new function in the language.

KEYWORDS: Indigenous Languages; Oro Nao'; Neonymy; Semantic Field "house".

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Os Wari’ – Século XX.....	35
Figura 2 – Sagarana (Surpresa – Guajará-Mirim/RO).....	37
Figura 3 – Terras Indígenas Em Rondônia.....	39
Figura 4 – Subdivisão dos clãs do grupo Wari’ da família linguística Txapakura.....	40

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Localização e população Wari' no estado de Rondônia	42
Tabela 2 – Restrição alimentar Wari'	44
Tabela 3 – Festas dos Wari'	47
Tabela 4 – Lista de palavras para representação de sílabas.....	50
Tabela 5 – Casa	61
Tabela 6 – Formações com <i>kayi</i>	75
Tabela 7 – Novo conceito à entidade em Oro Nao'.....	76
Tabela 8 – Processo de nominalização <i>mam</i>	77

LISTA DE ABREVIATURAS

1 – primeira pessoa
2 – segunda pessoa
3 – terceira pessoa
ADJ – adjetivo
ADV – advérbio
AGREE – concordância
AUM – aumentativo
DEM – demonstrativo
DIM – diminutivo
DIST – distante
F – feminino
FINAL – Finalidade
FUT – futuro
GEN – genitivo
INF – infinitivo
M – masculino
N – neutro
NOUN – substantivo
PERF – perfectivo
PL – plural
PREP – preposição
PRON – pronome
REL – relativizador
SG – singular
sp. Espécie
V– verbo

Realizado de acordo com Max Planck Institute, 2015. *The Leipzig Glossing Rules: Convention for interlinear morpheme- by-morpheme glosses*. Disponível em: <https://www.eva.mpg.de/lingua/resources/glossing-rules.php>.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1. NEOLOGIA	17
1.1 Aspectos neológicos	19
1.1.1 Neologia Semântica	20
1.1.2 Neologia Lexical	23
1.2 Neologia e a institucionalização do lexema	26
CAPÍTULO 2 – OS ORO NAO’	34
2.1 Os Wari: aspectos históricos e culturais	34
2.2 Os Wari’: Sistema Linguístico	48
CAPÍTULO 3. METODOLOGIA	56
3.1. Levantamento de dados	58
CAPÍTULO 4 – ANÁLISE COMPARATIVA – CASA	60
4.1 Apresentação dos dados	60
4.2 Análise descritiva de dados	66
4.3 Discussão dos resultados	75
CONSIDERAÇÕES FINAIS	79
REFERÊNCIAS	81
ANEXOS	85

INTRODUÇÃO

Este estudo tem por finalidade não somente um registro acadêmico, mas também a expansão e o reconhecimento de uma língua e de seu povo para o mundo. Em todas as línguas, o léxico está em constante mudança, tais mudanças são decorrentes do contato e inserção de termos ao universo não indígena. As línguas indígenas, na atualidade, requerem urgência na documentação para que possamos conhecer a riqueza linguística dos povos originários antes que pereçam, assim como já aconteceu anteriormente com muitas sociedades originárias, uma vez que registros não puderam ser feitos e assim foram esquecidas. Durante muito tempo, linguistas buscam encontrar a relação entre as línguas indígenas, pois há documentações ainda não elaboradas, especificamente, no território brasileiro, que possui inúmeras línguas ainda não estudadas.

Este registro pode ser compreendido e seguido em discussões sobre os acontecimentos internos e de construções que se norteiam através da neonímia e de seus processos. Seu objetivo fundamental se baseia na análise de sintagmas nominais e na construção neonímica em Oro Nao', que se aprofunda em estudos relacionados à categorização de como são realizadas as formações pela inserção lexical referente a objetos não indígenas de determinados termos na língua, que antes não faziam parte do universo indígena, assim como é definido em registro de lexias do campo semântico "casa", apresentado por Ramirez (2012) em um de seus estudos sobre documentação de línguas indígenas.

O interesse específico desta amostragem é classificar os processos da neologia nas formações dessas entidades, como semântico, lexical e/ou estrutural e assim compreendê-las quanto à construção e à possibilidade de novas lexias que farão parte futuramente deste universo. Os dados serão apresentados de forma descritiva com a finalidade de detalhar a formação nominal da entidade do campo semântico de acordo com o processo apresentado.

Como hipótese na construção deste estudo, partimos da ideia de que o léxico em Oro Nao' possui distinção em seu processo de formação referente ao uso do Português Brasileiro (PB), em termos de construções, por mais que, na atualidade, estejam próximas em território, compreendemos que são distintas em seus reflexos construtivos de acordo com a derivação e a inserção dos afixos a um termo, assim apresentando um novo sentido. Supomos também que, no levantamento de dados

para formulação da pesquisa com o campo semântico “casa”, há muitas inserções neonímicas que atualmente são comuns, pois com o tempo tornaram-se usuais na língua.

Julgamos que há lexias que marcam o processo de nominalização em construções nominais, como *kayi*, por serem morfemas afixados a uma entidade e que marcam processos lexicais culturalmente não indígenas. A partir da análise dos dados, esperamos que sejam identificados os lexemas responsáveis pelo processo de formação e assim observar a origem neonímica em Oro nao’.

O grupo Wari possui poucos registros, mas com grande relevância, inclusive a gramática em estudo por Everett e Kern (1997). A variante a ser apresentada será o Oro Nao’, um dos primeiros subgrupos a serem contatados pelos não indígenas. Os Oro Nao’ vivem em uma das Terra Indígena (TI) no estado de Rondônia, especificamente nas terras Lage, Ribeirão, Pacaás Novos e Sagarana, no território dos municípios de Guajará-Mirim e Nova Mamoré.

Observamos que muitas línguas passam por diversos processos, adaptações, mudanças, perdas, alterações, junções lexicais e cabe, assim, uma área de pesquisa que estude a função dos elementos e as mudanças por que passam em formações processuais na língua, ou seja, a neonímia.

A luz e o destaque maior deste estudo é a língua a fim de apresentar construções nominais de acordo com os reflexos da neonímia e como os elementos atuam em formações sintagmáticas em nível lexical na realização deste processo.

A pesquisa possui cunho qualitativo, comparativo e descritivo. Este, pela análise sintagmática das lexias coletadas referentes ao campo lexical ‘casa’. Comparativo, pelo fato de utilizarmos referência da produção do Dicionário Oro Mon-Português (SOUSA, 2009) como base inicial das descrições e, por meio do resultado das comparações, base para o aspecto qualitativo, já que nos valem de referenciais para levantar hipóteses teóricas sobre a estrutura e os padrões estabelecidos na variante Wari’.

Os dados desta obra foram elicitados por um colaborador, Joel Oro Nao’, e comparados em aspectos descritivos com o registro realizado por Sousa (2009), em Oro Mon, também uma variante Wari’. Para elicitar os dados, esta pesquisa passou por um rigoroso processo, culminando na sua aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP-UNIR) e também pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), com número do parecer 5.074.600. Após a aprovação, iniciou-se o contato

com o colaborador que, gentilmente, se dispôs a participar deste desafio. Com as restrições ao acesso em comunidades indígenas, por conta da pandemia de Covid-19, houve apenas um colaborador responsável pela coleta na comunidade que expôs apontamento e aplicações em uso dos termos apresentados, o que também justifica a comparação feita entre os dados coletados e os dados de Sousa (2009), em *Dicionário Oro Mon-Português*.

Os principais referenciais que enriquecem este estudo, especificamente, o conhecimento dos Wari, são Rodrigues (2002), sobre grupo e pertencimento à família linguística e identificação da família linguística isolada; Vilaça (1992), para apresentar as variedades existentes no grupo Wari' e sobre a questão territorial; Angenot de Lima (1997), em sua amostragem de posição silábica e construção lexical em línguas pertencentes à família Txapakura; Everett e Kern (1997), pelo conceito a partir da gramática Wari -Pacaás Novos; Sousa (2009), também suporte para a compreensão dos dados na língua Oro Mon'; e os estudos linguísticos de Apontes (2015) sobre o grupo.

As apresentações de leituras posteriores apresentam conhecimentos do fenômeno apresentado em discussão, “a neonímia”, avaliado pelas seguintes perspectivas: Alves (1996; 2006); Carvalho (2006); Chancellerie Fédérale (2014); Guilbert (1974; 1975; 1975a); Kubová (2009); Oliveira *et al.* (2014). Os autores apresentam teorias sobre o conhecimento de estruturas lexicais, a criação e a classificação que norteiam a neologia. Todos os termos coletados em pesquisa são organizados a partir de teorias que regem a construção do léxico nas línguas apresentadas pelos autores. A descrição dos dados segue o padrão proposto por Max Planck Institute (2015), “The Leipzig Glossing Rules: Convention for interlinear morpheme- by-morpheme glosses”.

Para atender aos objetivos desta pesquisa, a dissertação foi organizada, incluindo-se a Introdução e as Considerações finais, em quatro capítulos.

Na Introdução, é feito um apanhado geral sobre o objeto de estudo e sua relevância como registro de estudo em línguas indígenas no estado de Rondônia.

Ademais, o corpus da pesquisa no Capítulo 1, intitulado “Neologia”, apresenta o conceito e a contextualização de estudo bibliográfico a respeito dos aspectos neológicos, morfológicos, semânticos e lexicais. Em seus subtítulos, são apresentados os autores que estudam os conceitos relacionados ao que se define em neologia e neonímia.

No Capítulo 2, intitulado “Os Oro Nao”, apresenta-se o contexto histórico e cultural do povo Wari- Família linguística Txakapura e seu sistema linguístico, descrito por linguistas que estudaram ou estudam a língua.

O Capítulo 3, “Metodologia”, apresenta os procedimentos metodológicos, a delimitação do *corpus*, a seleção e coleta dos dados e o colaborador da pesquisa. Já o Capítulo 4, “Análise comparativa - casa”, apresenta a descrição em aspectos comparativos, além de análises dos resultados obtidos da comparação entre os dados de Sousa (2009) e os atuais.

Por fim, no último tópico, que trata das “Considerações finais”, há uma reflexão sobre os dados analisados, retomando-se as hipóteses apresentadas na parte introdutória desta dissertação e trazendo novas proposições, a partir dos resultados obtidos.

CAPÍTULO 1. NEOLOGIA

De acordo com a apresentação dos itens topicalizados a seguir, partiremos do parâmetro neológico para discutir referenciais de autores sobre o tema. A primeira apresentação será organizada de acordo com o conceito do que se conhece por neologia, que poderíamos interpretar como posto na observação de Quemada (1971):

[...] uma língua que não conhece nenhuma forma de neologia é identificada como uma língua morta, e não contestaria que a história de todas as nossas línguas é a história de sua neologia. A neologia é, portanto, essencial para qualquer funcionamento adequado de uma língua viva. (QUEMADA, 1971, p. 138, tradução nossa¹).

Através do posicionamento de Quemada, podemos verificar que a gênese da neologia é identificada através do conhecimento que se tem sobre a descrição e o conhecimento neológico, pois, por meio deles, são compreendidas as mudanças. É entendido que o ambiente estabelece uma ação mutatória, pois a língua passa por modificações e as construções léxicas são advindas das novas situações sociais, culturais e econômicas relacionadas com a introdução de novos objetos, novas palavras e novos significados que se adaptam às novas circunstâncias. A linguagem através de um novo cenário exposto às necessidades não permanece estagnada por um obsoleto, antiquado e purismo excessivo. O uso requer mudanças e novas construções lexicais.

Como apresenta Barbosa (1978), ratificando as formas inovadoras da língua:

[...] a língua não seria o reflexo da maneira de um grupo encarar a realidade, mas o meio utilizado para criá-la. Ela conteria (suportaria) então, toda a cultura desse povo; a sua ideologia ter-se-ia caracterizado à medida que a língua foi envolvendo. Na verdade, enquanto a língua se constrói, constrói-se a cultura de um povo. Ambas, língua e visão do mundo surgem ao mesmo tempo e caminham juntas em seu desenvolvimento. (BARBOSA, 1978, p. 188).

¹ Une langue qui ne connaîtrait aucune forme de néologie serait déjà une langue morte, et l'on ne saurait contester que l'histoire de toutes nos langues n'est, en somme, que l'histoire de leur néologie. La néologie est donc indispensable à tout bon fonctionnement d'une langue vivante.

Organizaremos por tópicos uma distinção de terminação para entendimento do que se conhece por neologia ou do que muitos autores, como Guilbert (1974) e Alves (1996; 2006), chamam de “criatividade lexical”.

Segundo Alves² (1996), o conceito que se aplica à neologia está relacionado a todos os novos fenômenos que atingem uma língua. Sendo assim, as particularidades da neologia dizem respeito a possibilidades de nível de novas unidades lexicais ao contexto em que podem ser incluídos no sistema lexical; logo, há a consideração de inovações recebidas de outros idiomas particulares, ao universo neológico que é nomeado, mediante empréstimos.

O conceito de neologia pode ser diverso, influenciado pela forma como a neologia é identificada em línguas distintas, que fazem parte de realidades diferentes, mas cada uma com sua particularidade, assim como o português cria suas próprias idealizações na língua, com elementos linguísticos pertencentes ao léxico, e, também, realiza empréstimos de outras línguas, quando o termo se torna popularizado, por exemplo. Ao se relacionar com o tempo e com sua gênese de criação, a neologia é muito mais madura que seu próprio termo; o seu estudo consiste em caminhar lado a lado com o desenvolvimento das mudanças linguísticas existentes.

Alves (1996) escreve que a neologia estabeleceu laços particulares com a terminologia, pois a ideia de nomear as coisas sempre existiu, passando a ser realizada no nível de planejamento e intervenção linguística, com a utilização de recursos, como o processo das novas unidades lexicais na língua e o seu mecanismo de criação. Além disso, a teoria e os reflexos culturais e sociais moldam a ideia de uma nova construção lexical. Ao se compreender a ideia construcional de uma base em neologia, os aspectos terminológicos passam a ser moldados em princípios que são desenvolvimentos em caráter linguístico, social e metodológico.

Os processos são assim descritos:

[...] de caráter lingüístico:

- o neologismo **[neologia]** deve estar em conformidade com as regras morfossintáticas da língua e adaptar-se ao seu sistema fonológico e ortográfico;
- [...]
- deve denominar, o mais claramente possível, um conceito previamente delimitado e com ele estabelecer uma relação;

² Esclareça-se que, assim como Bourdieu (1979, p. 65-6, *apud* ALVES, 1996, p. 11), tomamos a ideia de empréstimo, como “uma unidade lexical de criação recente emprestada de um sistema linguístico estrangeiro e aceito numa língua”.

- deve ser capaz de constituir derivados.

de caráter sociolinguístico:

- o neologismo **[neologia]** deve estar em conformidade com a política lingüística do idioma;
- deve estar de acordo com o nível de língua de trabalho em que será utilizado;
- deve ser fruto de uma necessidade;
- não deve apresentar conotações negativas.

de caráter metodológico:

- a criação do neologismo **[neologia]** deve contar com a presença de profissionais da área em estudo que possam orientar as propostas neológicas;
- deve levar em conta o sistema conceitual e denominativo de que o neologismo **[neologia]** forma parte;
- deve considerar que uma forma não adequada ao sistema da língua, mesmo consolidada, pode ser revista. (ALVES, 1996, p. 14, grifos nossos).

O domínio linguístico, através da mente, cria campos de atividade que necessitam de novas lexias para compor a estrutura de novos conceitos que passam a pertencer a esse novo campo, aderindo a um novo significado a invenção do indivíduo – ou do grupo – em face a novas apresentações e amostragens de novas estruturas. Assim, podemos conceituar a criatividade lexical como parte de vários campos, mas o que será exposto aqui está intrinsecamente relacionado ao campo da linguística, que é a área da qual se trata este texto.

1.1 Aspectos neológicos

Podemos observar que a neologia é necessária para o funcionamento da língua. Tendo em vista, então, a importância desse tema, subdividimo-lo em dois seguimentos, pois têm a função de apresentar a teoria dos aspectos que são partilhados. Nas próximas seções, observamos a neologia semântica e seu conceito, que apresenta categoricamente a evidência e a análise de um lexema a partir da origem de um novo significado, logo, os contextos impostos para a necessidade de criação; por conseguinte, será apresentada a neologia lexical, também com um caráter notório de novidade, mas com a valorização de sua divergência da neologia semântica e, por sua evidência, apresenta a resignificação ou o empréstimo do

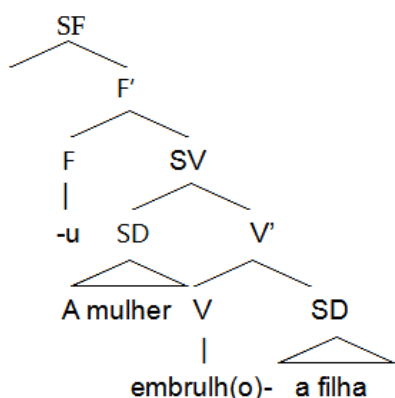
lexical para novas criações. Vejamos nas subseções a seguir as especificações.

1.1.1 Neologia Semântica

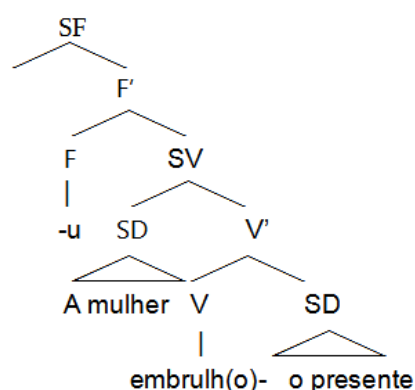
A neologia semântica possui sua especificação, buscando assim a referência de que, em sua origem, dar-se-á novo significado a partir do mesmo significante: “[...] neologia semântica é o termo que se manifesta pela combinação entre elementos lexicais, gerando um novo signo pela junção de um significante complexo e um novo significado.” (GUILBERT, 1974, p. 34, tradução nossa³).

A identificação do termo pressuposto parte da Gramática Gerativa e é observada através do componente sintático da estrutura profunda, que Guilbert (1974) apresenta como a retificação do nível da estrutura da superfície, renunciando o aspecto frasal, em que há uma sequência das palavras inseridas, ocorrendo de acordo com as regras de compatibilidade sintático-semânticas entre itens lexicais, de acordo com a relação dos termos constituintes de um enunciado. Observe:

1.a A mulher embrulhou a filha.



1.b A mulher embrulhou o presente.



Embrulhar, nas sentenças 1a e 1b, é utilizado como verbo transitivo e corresponde a envolver em papel, enfiar, entourar (DICIO, 2009-2022). A mudança criativa, que vemos em 1.a “A mulher embrulhou a filha”, só se manifesta no nível da inserção lexical, na frase superficial. Já a descrição em recursos sintático-semânticos, a função do verbo em sua transitividade e o sentido obtido, mostra uma

³ [...] la néologie sémantique, et celle qui se manifeste par la combinaison médite d'éléments lexicaux entre eux, génératrice d'un signe nouveau par la jonction d'un signifiant complexe et d'un signifié nouveau.

nova combinação de características no elemento final, sobre o nível de inserção do elemento em relação à unidade lexical e sua ligação com a estruturação sintática da frase. Para se ater ao problema da relação entre a criação da neologia, como unidade lexical, e a criação da frase, podemos observar que a neologia semântica não é um fenômeno interno à unidade lexical, mas relaciona-se entre o componente lexical no enunciado.

Para a interpretação do exposto, Barbosa (1978) entende que a compreensão da organização da estrutura é, em sua maneira, de acordo com o potencial semântico obtido, a substância semântica comum a todos os grupos.

a) cada um deles tem um inventário linguístico lexical e gramatical próprio, exclusivo; cada um deles tem valores semânticos que não coincidem inteiramente com os dos demais grupos; b) A organização e mudança da estrutura desse inventário lexical caminha [...] com a evolução, as transformações da visão do mundo de cada grupo; c) Essa organização e mudança de estrutura têm características peculiares a cada língua, mas há, em estrutura profunda, pontos de intersecção [...]. (BARBOSA, 1978, p. 187).

A criação de novas lexias desenvolvidas em estruturas frasais, necessariamente, é vista como interdependente, já que o verbo "embrulhar", apresentado nos exemplos (1a) e (1b), refere-se a valores distintos em suas formações frasais. Observamos que o item verbal pode ser identificado como um elemento que, no item (1b), necessita de complemento, e o termo que completa a estrutura frasal apresenta traços (-humano; +concreto); já o item (1a) apresenta como complemento do verbo o sintagma "a filha", que apresenta traços (+humano; -concreto). Os termos identificados como complementos podem ser utilizados de acordo com a necessidade linguística e a proximidade entre os sentidos representados pelo verbo.

Se tomarmos um ou outro como o centro do fenômeno apresentado nas construções léxicas em formações frasais, teremos que dizer que esta forma de neologia é individual, como uma neologia lexical (em palavras) em relação a este centro que representa um sentido de associação verbal, cujos valores que são representados mostram proximidade. Dessa forma, é possível observar que os verbos associam sentidos de acordo com a construção obtida, assim formando a nova estrutura frasal, em muitos momentos utilizadas como uma forma de construção neológica despercebida na língua, pois faz parte de uma interação direta do falante.

Vejamos as observações dadas por Greimas (1966, p. 53, *apud* GUILBERT, 1974, p. 36, tradução nossa): “Os elementos contextuais correspondem às unidades de comunicação, frases ou cláusulas mais amplas do que os lexemas para dentro do qual os núcleos sêmicos se manifestam aproximadamente⁴”.

Podemos observar que esta forma semântica de neologia apresenta o léxico como o participante central no que se refere à criatividade frasal; ele se dissolve com a frase superficial pronunciada/causada, mas pode reaparecer em termos idênticos, associados a formações frasais que desempenham o mesmo papel de ação, ou com alguma variação, em um ou outro dos lexemas constituintes, de modo que apareça como difuso na frase, ao mesmo tempo em que envolve uma estrutura permanente que justifica a reprodução, como pode ser analisado nos itens (1a) e (1b).

A constituição de um item formador de uma neonímia, em alguns momentos, torna quase impossível de localizar o caráter de criação em um dos constituintes lexicais, e não em outro, obrigando-nos a identificar o todo frasal como neológico. Podemos formular uma regra que seja capaz de dominar a diversidade de realizações, em que, provavelmente, seria melhor considerar o verbo como o centro de distribuição de características semânticas entre constituintes nominais, como um elemento macro, selecionando características de traços compatíveis e semanticamente incompatíveis.

O termo em uso, por conseguinte, tem como maior observação a realização feita pela língua referente aos processos de necessidade, ou de proximidade de sentido, referentes a alguns participantes do enunciado. A língua, em seu aspecto mutacional, ou, pode-se dizer, constituída para fim de satisfazer uma demanda, necessita de especificidades linguísticas que utilizem, por exemplo, formações verbais que possuem inúmeros valores semânticos, a partir das teorias que já se conhece e que são apresentadas como critérios de uso em formatos representacionais.

⁴ Les sèmes contextuels correspondent à des unités de communication, syntagmes ou propositions plus larges que les lexemes à l'intérieur desquelles se manifestent grosso modo les noyaux sémiques.

1.1.2 Neologia Lexical

Nesta seção, apresentamos a teoria referente à neologia lexical que está diretamente ligada ao caráter de novidade que dele emana; além disso, é claramente expresso no nível da morfologia da neologia, pela presença dos elementos gregos "neo" e "logia", que significam "novidade, novo" e "logia" *logos* – palavra, discurso, linguagem. Portanto, perguntamo-nos sobre esta novidade que incorpora a natureza da neologia e, assim, identificamos, a partir da estrutura, a fundamentação neológica.

Os processos criativos da construção linguística são muitos. Na linguagem, especialmente, a neologia consiste na criação de termos especializados. Esse tipo de neologia é denominado "lexical", pois os termos criados irão enriquecer o vocabulário de uma área de especialidade. Criação lexical, também chamada de "neonímia", em que -nímia, no latim *nimius*, excessivo, em demasia, responde a uma necessidade imperiosa de nomear – ou de designar de alguma forma uma lexia.

Carvalho (2006) apresenta a neologia formal através da sua constituição, entendendo que uma lexia nova é introduzida em uma determinada língua, podendo ser um termo ressignificado ou um empréstimo.

A amostragem de lexicalização é compreendida como a inserção de um novo termo, introduzindo um conceito; é o aparecimento na língua de uma unidade lexical que adquire uma autonomia ligada à função referencial da língua, à relação dialética entre língua e referência.

Vejamos os processos que Guilbert (1974, p. 26) apresenta:

1) as novas lexias, quando são formadas, não possuem uma única forma; sua gênese apresenta-se sempre em aspecto de construção, novas ressignificações, um termo pré-estabelecido referente a sua construção lexical;

2) o léxico é a evidência da realidade extralinguística, visão de mundo, e pode ser identificado como a existência de certa forma que necessita de um referencial, assim também ressignifica-se de acordo as captações discursivas, a nova estrutura na qual é/foi fundamentada, é identificado com o novo uso através de seu conjunto de morfemas, em que transparece a identificação semântica de um novo item.

Barbosa reafirma o posicionamento de Guilbert (1974):

[...] o inventário lexical e gramatical, ao mesmo tempo determinam e refletem o pensamento, na medida em que o estruturam [...] os

códigos criam o referente intra e extra-código (é o caso principalmente dos sociofatos, psicofatos) e, mesmo que o homem crie um manufato ou descubra um novo biofato, para depois lhes atribuir uma designação, ele o faz condicionado pelas imposições das estruturas formais dos códigos de seu grupo. (BARBOSA, 1978, p. 189).

A transformação lexical, na análise, pode ser integrada ao processo de produção de frases, mas com certas restrições, dependendo do valor verbal exposto e os sentidos atribuídos na construção frasal. As apresentações lexicais podem ser compreendidas como a derivação lexical e assimiladas a uma regra gramatical simples (construir, construção), descrevendo o processo de passagem de uma categoria sintática para outra categoria sintática, análoga ao processo de redução de duas sentenças-núcleos em uma frase, por exemplo. Em uma formação morfológica, é entendida como a construção de uma nova estrutura.

O processo da lexicalização é também observado na formação de novas unidades lexicais, podendo ser nomeado em contornos distintos. Alves (2006) apresenta em sua teorização as observações sobre um processo de formação de novas unidades lexicais que parte do processo de junção de morfemas, conhecida como composição por justaposição, e outra por derivação, que institui morfemas ao elemento principal. Observamos que os processos possuem a função de transformar um agrupamento livre em um agrupamento estável, isto é, que apresenta um novo significado, de acordo com uma série de morfemas para deles, fazer uma única unidade lexical.

A alteração de elementos pela afixação a uma formação é considerada formações da neologia, com apresentação de sentidos, entendidos por sua criatividade que, em muitos momentos, dependendo da classificação proposta, muda seu traço de categoria gramatical.

Já para Guilbert (1975), as unidades lexicais neológicas podem ser observadas quanto à sua classificação:

[...] a. neologismos *fonológicos*: a alteração no significante é responsável pelo novo termo; b. neologismos *sintáticos*: formados por derivação prefixal, derivação sufixal, derivação sintagmática e composição; c. neologismos *semânticos*: a alteração no significado é responsável pelo novo termo, bem como a passagem de uma unidade lexical da língua geral para uma língua de especialidade ou vice-versa; d. neologismos formados por *conversão* e por *empréstimo*. (GUILBERT, 1975a, p. 12).

A neónímia corresponde a uma mudança do signo linguístico⁵ em sua face significante, em sua face de significado, ou em ambas as faces, no ato da formação da nova palavra.

Vejamos, por exemplo, os verbos, que apresentam inúmeros sentidos, como visto anteriormente; isto é, os valores atribuem inúmeros significados ao significante.

2a Maria ficou triste.

2b Maria e João ficaram.

O sentido compreendido da frase (2a) apresenta Maria triste, função caracterizadora expressa. A percepção apresentada pela frase (2b) tem a intenção de representar traços divergentes aos do elemento (2a), sendo que o verbo (ficar) está sendo representado em (2a) e em (2b). O conceito (ficar) em (2b) representa união, estar junto, enamorar-se; já em (2a), o verbo (ficar) apresenta um estado de espírito.

[...] as mudanças efetuadas no código são mais sensíveis no subconjunto lexical, pois, se estas se refletem no subconjunto gramatical, isso se dá de maneira muito menos rápida e sensível. Como o inventário gramatical é limitado e fechado, é sobretudo no inventário lexical que se manifesta linguisticamente a constante mudança de visão de mundo, através de reformulações das estruturas lexicais. Os códigos, principalmente o linguístico, constituem um permanente nascer de signos. Esse contínuo enriquecimento é uma exigência do próprio meio social que está em constante evolução. (BARBOSA, 1978, p. 192-193).

A afirmativa está de acordo com os pensamentos que se apropriam da assertiva de que uma nova palavra nasce a partir de outra, em caráter diacrônico, semanticamente, com a necessidade de evolução, cujas estruturas são incorporadas para que haja um novo sentido, uma nova expressão, um novo meio condicionado ao critério comunicacional.

⁵ Saussure (2006) analisa o aspecto do objeto como o signo linguístico e fundamenta que o signo linguístico é uma associação de um conceito e o nomeia como significado. Logo, uma imagem acústica (ou ótica) é o significante, portanto, o significado e significante são elementos mentais.

1.2 Neologia e a institucionalização do lexema

A mudança lexical faz parte da realidade discursiva de um falante que realiza criações lexicais a todo instante. Ao passo que novos signos são criados, é um processo inevitável não haver variações e, às vezes, mudanças, pois a língua institui uma continuidade mediante as estruturas com a sociedade, a partir de um conceito, para suprir uma demanda em determinado momento de fala e que pode ou não ser fixada em alguns grupos, sendo aceita ou não socialmente.

Nesse sentido, alguns elementos de institucionalização lexical serão apresentados a fim de demarcar a longevidade do léxico ou a perda da estrutura léxica.

Para tomar-se neologismo de língua, ele depende de uma série de circunstâncias: o próprio locutor pode atualizá-lo em outros discursos, e, assim, multiplicar as possibilidades de seu emprego; os receptores podem, depois da mensagem neológica, começar a empregá-la em novos contextos; ou ainda usar um dos elementos morfológicos desse neologismo para criar um outro neologismo, um dos elementos da forma neológica primeira serve de base para uma palavra neológica segunda. (BARBOSA, 1978, p. 198).

De acordo com estudos apresentados por Kubová (2009), através dos conceitos neológicos, as novas lexias são construídas a partir de três etapas fundamentais:

- 1) idealização do léxico;
- 2) formalização lexical; e
- 3) institucionalização da lexia.

Na explicação de Kubová (2009), a idealização do léxico (1) tem por função estabelecer um sentido ao falante, uma necessidade de criação de uma nova lexia. Observando o aspecto construcional, a lexia é apresentada apenas pelo falante criador, sem processo de pertencimento à língua em uso e, quando é criada, pode ser identificada como estranhamento, como não pertencimento. Através de seu aspecto funcional, as palavras podem ser justapostas por valores de morfemas e construções de sentido ou por perdas morfêmicas de outra palavra sinônima na língua, ressignificando e formando um novo sentido.

É possível observar, em estudo anterior ao de Kubová (2009), ênfase sobre a

idealização do léxico:

[...] ao estruturar um novo signo linguístico, que vai ser o seu suporte, o locutor tenta passá-lo a outrem, num ato de enunciação em que ele apareça pela primeira vez; as unidades já existentes no léxico, que poderiam, em princípio, servir para aquele novo modelo, aquela nova percepção, não são, na realidade, empregadas, por não exprimirem exatamente, a seu ver, todos os traços sêmicos que o locutor deseja transmitir. Daí a necessidade que sente, de criar uma nova unidade léxica, que dê conta satisfatoriamente, do seu ponto de vista, da representação do fato. (BARBOSA, 1978, p. 195).

Na visão de Kubová (2009), a apresentação do processo (2) julga a formalização lexical, que é identificada como outro processo a ser formalizado, compreendida de acordo com a utilização da lexia e processada por mais de um participante. Um falante que possui a necessidade por demanda da língua utiliza a palavra que ele mesmo criou em dado momento para satisfazer e/ou para cumprir a função de comunicação, e essa nova construção é adotada por outros indivíduos de um mesmo ambiente social. Compreendemos que, dessa maneira, o falante compartilhou a nova lexia e outros, pertencentes ao seu grupo, passaram a utilizá-la.

Kubová corrobora os estudos de Barbosa que apresenta e ressalta pontos que auxiliam o novo léxico, para que seja compreendido dentro do grupo representado.

O enunciador do neologismo que é atualizado pela primeira vez, procura usar vários recursos formais, a fim de chamar a atenção para a palavra neológica e assegurar, assim, a decodificação, através dela, do novo conceito, pelos destinatários. Esse recurso varia conforme o tipo de discurso, em que o locutor situa sua fala, conforme o quadro enunciativo. Se o emprego ocorrer no discurso oral, coloquial (distenso, por exemplo), o locutor poderá fazer comentários a respeito, dissipando as possíveis dúvidas; poderá dar-lhe uma entonação especial, destacando-o dos demais signos da frase; poderá fazer um gesto que mais ou menos corresponda ao conceito; ou, ainda, usar auxiliares modais que reforcem a mensagem. (BARBOSA, 1978, p. 196).

Os grupos e participantes usuais da nova construção, palavras podem ser classificados em vários contextos: família, trabalho, organizações e outros que envolvem um espaço, independente da língua ou do valor social apresentado.

As novas formações apresentadas nos itens 1 e 2 julgam processos de novas construções. Já em (3) observaremos a institucionalização do léxico, entendida pelo processo anterior, que tinha a função de identificar uma demanda da “nova” lexia

criada pelo falante.

Compreendemos que, a partir do item (3), na institucionalização do léxico, vários falantes, participantes, grupos e comunidade(s) adotam a palavra e a usam quando houver necessidade e existir a satisfação da demanda em seu processo de fala. O léxico, então, já não será visto como novo, e sim como algo que é ativo na língua. Por isso, na criação lexical, “[...] podem-se distinguir duas fases: aquela que considera a neologia no instante em que é produzido num quadro enunciativo, e a fase em que ele é apreendido e registrado pelos falantes-ouvintes do grupo” (BARBOSA, 1978, p. 197).

Tendo em vista a questão de fixação na língua e a duração de existência, os lexemas são identificados como históricos, arcaicos, como nomeia Chancellerie Fédérale (2014), isto é, o termo que passou a ser usual e se tornou comum, institucionalizado na língua.

Na língua portuguesa (Brasil), alguns termos já fixados na língua tornaram-se usuais, como clicar (derivado do inglês *click*), gato (roubo de energia), deletar (derivado do inglês *delete*) – todos estes são exemplos dessa mudança. Por outro lado, algumas formações em neologias fazem parte do léxico de várias comunidades e são de uso restrito em grupos de fala. Nesse contexto, é entendido que as unidades léxicas fixadas na língua, as formações neológicas só passam a ter esse estatuto se o seu uso se generalizar a ponto de ser um vocábulo disponível de, pelo menos, um grupo de indivíduos, e os termos tornarem-se usuais.

A perspectiva sincrônica é a responsável pela relação dos elementos entre si no sistema linguístico. Jesus (2018, p. 58) afirma que “[...] é mais conveniente situar o conceito de neologia no limite da oposição sincronia/diacronia, e defini-lo no âmbito de uma sincronia dinâmica”.

Segundo o levantamento do Chancellerie Fédérale (2014, p. 5, tradução nossa), “[...] a neologia é definida como um conjunto de processos pelos quais o léxico de uma língua se enriquece: derivação e composição, evolução semântica, empréstimos, camadas ou qualquer outro meio (siglas, acrônimos...)”⁶.

Dessa forma, são entendidas as etapas de construções neológicas e, a partir delas, são organizadas as estruturas observadas em palavras que visam seus

⁶ Le Grand Robert définit la néologie comme un ensemble de processus par lesquels le lexique d'une langue s'enrichit: dérivation et composition, évolution sémantique, emprunts, calques ou tout autre moyen (sigles, acronymes...).

processos de composição e derivação, e os valores compreendidos de neologia semântica, sintática, fonológica que podem ser atribuídos em palavras, quando formalizadas em frases verbais e nominais, apresentando valores expressivos a cada construção organizada.

Podemos observar que a neologia, como apresentado em (1) “idealização do léxico”, inicialmente, é um ato individual, e seu futuro é incerto, pois nem todos os lexemas possuem abrangência comunicativa e são adotados pelos falantes de determinado grupo linguístico. Hipoteticamente, entende-se que não há uma proximidade da construção lexical com a realidade do uso, e simplesmente ela desaparece da língua. Por ser a língua viva e mutável, propicia o nascimento de neologismos; dentre essas, as neologias primárias idealizadoras lexicais desaparecem mesmo antes de serem usuais na língua e não alcançam os outros critérios arcaicos, de uso comum na língua.

Através das análises lexicais realizadas por Boulanger (1979, p. 65, *apud* JESUS, 2018, p. 5), são apresentadas três classes de unidades neológicas: a) formação por derivação; b) composição; c) formação por siglas, redução de palavras ou termos que são formados por um radical “novo”. Os termos, os quais são formados, são intitulados de “formais”; as lexicas que são formadas para suprir uma demanda que é atribuída por um termo já ativo na linguagem são chamadas de “neologias semânticas”, já apresentados; para a resultante de uma adoção de unidade de outra língua, usa-se o termo “neologias por empréstimo”.

Entendemos que todas as palavras pertencem a determinada classe e que suas especificações também são registradas de acordo com o surgimento de uma lexia. Os estágios formacionais da denominação neológica são apresentados por Boulanger, mediante cinco conceitos fundamentais, até sua formação padronizada na língua.

[...]

1. o processo prático de criação de novas unidades lexicais, na língua geral ou nos tecnoletos, por meio do recurso consciente ou inconsciente aos mecanismos de criatividade lexical habituais em uma língua;
2. o estudo teórico e aplicado relativo às inovações lexicais: os processos de criação, os critérios de reconhecimento, a aceitabilidade e difusão de neologismos [**neologismos**], os aspectos sociais e culturais da neologia;
3. a atividade institucional, organizada sistematicamente para coletar, registrar, difundir e implantar as inovações lexicais, no âmbito concreto

de uma política da língua;
4. a tarefa de identificação dos setores especializados novos ou recentes ou com lacunas que necessitam de intervenção;
5. a relação com os dicionários, tanto gerais monolíngues como específicos. (BOULANGER, 1989, apud JESUS, 2018, p. 59, grifo nosso).

Kubová (2009), em suas descrições neológicas, também apresentou análises em construções que corroboram o posicionamento de Boulanger quanto à instituição de nova lexia e sua aceitabilidade em um âmbito cultural linguístico.

Já Carvalho (2006 p. 191) apresenta a neologia lexical como o estudo da criação da palavra, e o conjunto de palavras, de sua produção ao aparecimento, num momento dado da história da língua.

A derivação é uma das representações do processo de neologia, pois os aspectos de formação gerados por afixos, elementos que se afixam a um termo, formam novas entidades, estas estabelecem relações com o termo associado e categorizam uma nova noção de enunciador.

De acordo como apresenta Kehdi (2003), há um critério significativo para a formação, visto que os afixos, como prefixos, morfemas antepostos a um radical, por exemplo no português, só se agregam aos verbos e a adjetivos. O autor usa o particípio passado, como em "construído, construída, construídos e construídas", como exemplo de que há certos verbos que equivalem a um verbo de ligação seguido de uma função de predicativo. Observando assim o contexto de afixos que desempenham esses papéis, como no exemplo "envelhecer - ficar velho e hesitar-estar hesitante", que se trata de um dos casos que refletem essas afirmações.

Ao apresentar os sufixos, Kehdi (2003) demonstra o contraste das derivações, sendo que os afixos pospostos podem contribuir para a mudança de uma classe gramatical do radical, como em civilizar - verbo e civil - adjetivo, por exemplo.

Construções lexicais neonímicas deixaram de ser assim consideradas, porque, hoje, fazem parte de determinada língua; outras já não mais pertencem ao sistema linguístico, pois foram ressignificadas ou substituídas. Ressaltamos que os processos neonímicos são fundamentados na construção discursiva, podendo, por sua frequência de uso, e pelo próprio caráter de ressignificação nas línguas naturais, tornaram-se lexias arcaicas e usuais. Nesse sentido, "Se uma unidade léxica nova é aceita, e se torna frequente, perde o seu caráter de neologismo, para juntar-se às

demais unidades que já foram consagradas pelo uso” (BARBOSA, 1978, p. 205).

Por fim, informa-se que, neste trabalho, prescindir-se-á da perspectiva teórica de Guilbert (1974), que define a neologia semântica como o termo que se manifesta pela combinação entre elementos lexicais, gerando um novo signo pela junção de um significante complexo e um novo significado. Sendo assim, a análise da língua e seu léxico será viabilizado pelo contorno da semântica. Os dados obtidos na pesquisa serão analisados de acordo com os conceitos escolhidos e mediante a institucionalização da lexia na língua Wari’, o grupo estudado, já que as neónimias usuais na língua indígena serão avaliadas também a partir da análise de lexemas nominais, a partir de trabalhos já apresentados em línguas indígenas.

Como apresentam Oliveira *et al.* (2014), em estudo sobre neologismos em línguas indígenas, o falante nativo tem um domínio total dos processos necessários para a formação de novas lexias, porque ele tem a gramática da língua internalizada.

Oliveira *et al.* (2014, p. 312) realizam a escolha de algumas lexias para representar neologia em línguas indígenas e enfatizam que tudo o que é cultural da língua não pode ser utilizado para a realização do processo, como “canoa, milho, feijão, batata”, pois esses elementos já fazem parte da cultura indígena e, logo, não podem ser comparados e nomeados como neologismo, visto que o objetivo da neologia é apresentar novas lexias a um contexto, até então não apresentado, ou natural de um grupo ou comunidade. Para que o conceito seja compreendido em línguas indígenas, usaremos apenas dois vocábulos – helicóptero e óculos – que Oliveira *et al.* (2014) apresentam como novas palavras.⁷

Vocábulo: helicóptero
3a Mehinako (Aruak)
itsaenüwätü
“canoa que voa”⁸

3b Suruí (Mondé)
dekoranáhb
“inseto - libélula”

3c Waurá (Aruak)
kuyekuyejutokumã
“inseto grande”

⁷ Os dados listados por Oliveira *et al.* (2014) foram extraídos de acordo como apresentam os autores. Sendo assim, o uso das glosas não foram evidenciados.

⁸ Vale ressaltar que em muitas línguas amazônicas, como em Wari’, não há nomes para canoa nem remo. Lexias como estas possuem nomeação por empréstimos de outras línguas próximas ou construções nominais e frasais que permitem conceituar os termos para uso.

3d Xavante (Jê)
waradzuzaribi / *Tsiwamremehöiwi*
 “branco com asa” “objeto que voa” (OLIVEIRA *et al.*, 2014, p. 306).

Como apresentam os autores, os Mehinako e os Waurá denominam a lexia “helicóptero” utilizando lexias da própria língua para atribuir novo sentido, resultando em novo item lexical, dando ênfase a elementos culturais que estão juntos a um marcador, afixado ao nome, que dá ideia de que representa o voo. Os Suruí utilizam o mesmo nome que é dado a inseto na língua, atribuindo-lhe novo conceito, e se apropriam do sentido de libélula, pelo formato de asas. Já os Xavantes possuem duas formas de nomear a palavra helicóptero ou avião, mas ambas as formas possuem semelhança com “asa” – o que usa para voar, e com “voa” – a ação de voar.

Vocábulo: óculos
 4a Bakairi (Karib)
enu-etary
 olho - protetor
 Protetor do olho

4b Yawalapiti (Aruak)
 nuritaina
 “(minha) roupa dos olhos”

4c Paresi- Haliti (Aruak)
 zotsitie hokotie
 olho-círculo-redondo (OLIVEIRA *et al.*, 2014, p. 306).

Compreende-se que “óculos”, em (4a), apresenta significado adjetivo na língua Karib, pelo acréscimo, ao termo “olho”, da lexia “protetor”. Em (4b) o processo une vários morfemas: um marcador de posse, um morfema que caracteriza a função de vestir e “olhos”, parte do corpo. Já em (4c) a compreensão de “óculos” pode ser estabelecida pelo formato, redondo, círculo, acompanhando o formato do olho, dando, conseqüentemente, à lexia novo valor na língua Aruak.

Pode-se compreender que, nas línguas indígenas, com base em dados de Oliveira *et al.* (2014), não há uma receita específica para se compreender a formação neológica; a língua estabelece critérios, e o falante apresenta ideias para inseri-los em determinado contexto, por meio da junção de elementos de sentido ou de representação cultural.

Discutidos os conceitos de neologia, retomamos a nossa hipótese de as línguas

indígenas estabelecerem critérios próprios para formações neológicas, especificamente em relação aos lexemas nominais da variedade linguística Oro Nao', povo sobre o qual apresentamos, no capítulo a seguir, aspectos socioculturais e linguísticos.

CAPÍTULO 2 – OS ORO NAO'

Neste capítulo, apresentamos aspectos históricos e culturais do povo Wari' – da família linguística Txapakura e seus subgrupos, e, especificamente, apresenta-se a variante que será analisada, os Oro Nao', histórica, cultural, social e linguisticamente.

2.1 Os Wari: aspectos históricos e culturais

Rodrigues (1986) apresenta, em seu clássico sobre línguas brasileiras, que os povos indígenas no Brasil não são resumidos em um só, e sim em vários e divergentes entre si, pois cada povo tem seus próprios costumes, crenças religiosas, ideologias, atitudes e organização social, que são o resultado de inúmeras experiências vividas e acumuladas em muitos e muitos anos e são identificados como distintos por falarem línguas diferentes da falada em território nacional.

[...] o Brasil alberga a maior diversidade linguística e cultural, aproximadamente 180 línguas faladas, que identifica a mais de 220 povos etnicamente diferentes. Rodrigues (2013) registra 199 línguas indígenas, enquanto em um artigo coletivo da autoria de pesquisadores do Museu Goeldi, Moore, Galucio e Gabas Jr. (2008) afirmam que “embora venha sendo repetido com frequência que 180 é o número de línguas indígenas brasileiras, pelo critério de inteligibilidade mútua, a soma dificilmente ultrapassa 150” (2008: 38). Paralelamente às diversas propostas de classificação feitas por estudiosos das línguas indígenas, temos o resultado do Censo Demográfico de 2010, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que registra 274 línguas e 305 etnias. (MORI, 2016, p. 1).

Muitas línguas indígenas que são faladas no Brasil são formadas por famílias linguísticas que não se incluem em nenhum dos grandes agrupamentos genéticos, como o Tupi, Macro-Jê, Karib e Aruák. São famílias restritas em mapeamento geográfico e possuem um menor quantitativo de línguas, localizam-se – em sua maioria – na Amazônia e fronteiras do Brasil. Em Rondônia, especificamente, situam-se:

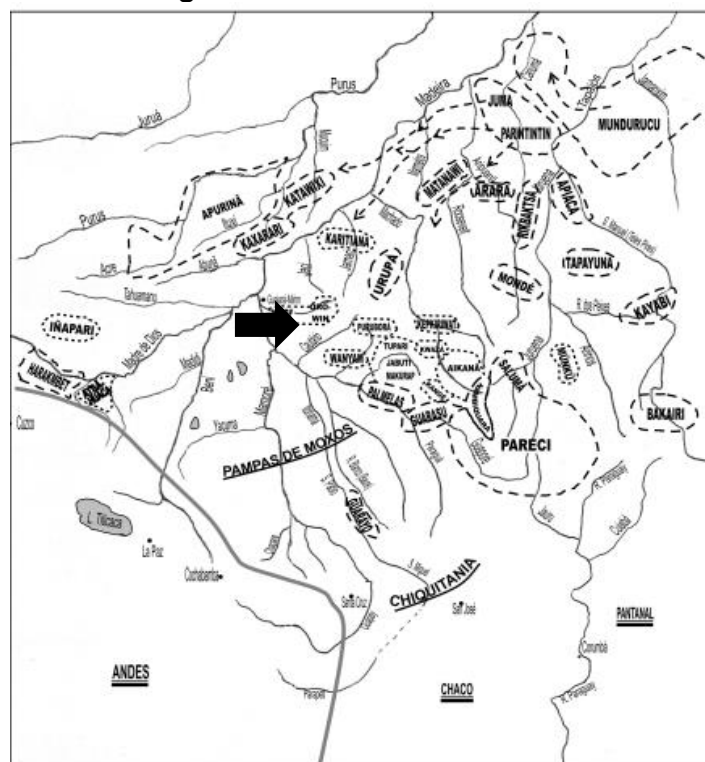
No vale do Guaporé e nos afluentes da margem direita do rio Madeira, no oeste de Rondônia e no sul do Amazonas, estendia-se até há não

muito tempo uma das famílias linguísticas menos conhecidas, a família Txapakura. A ela se filiam as línguas dos Pakaanóva e dos Urupá em Rondônia e a dos Torá no Amazonas (também a dos Moré na Bolívia). (RODRIGUES, 1986, p. 76).

Os povos Txapakura são divididos em cinco grupos específicos, sendo eles povos, como os Torá, os Moré, os Oro Win e os Wari. Provavelmente, esses grupos migraram em tempo pré-colonial de regiões do alto Mamoré, através de diferentes rotas e vários movimentos. Através de estudos realizados por Ramirez (2010), há 70% de profundidade temporal da existência da sociedade em até 1.500 anos. Uma das rotas do povo seria o próprio Mamoré; outros grupos da família seguiram o sudoeste, o que aponta muitos rastros dos txapakura no alto e no médio rio Baures. Muitos grupos se fixaram em alguns afluentes à margem direita, os Pacaás novos, formando uma sociedade.

Por muitos anos, o rio Guaporé agrupou povos da família linguística Txapakura, mas durante a ocupação no período colonial, tornaram-se conhecidos por causa da caça ao próprio indígena, muitos por procura de ouro, questões políticas e a busca por riquezas naturais levaram que os colonizadores invadissem o território de maneira avassaladora.

Figura 1 – Os Wari' - Século XX.



Fonte: RAMIREZ, 2010, p. 17

Os Wari foram contatados no século XX. O contato aconteceu durante o período de exploração da borracha no território amazônico. No estado de Rondônia, a invasão foi realizada em 1912, durante a construção da extinta Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, que fazia acesso da cidade de Guajará-Mirim até a capital Porto-Velho, cerca de 360 km, durante o tempo em que a retirada da borracha era lucrativa na região que durante sua construção e o seu funcionamento, rompeu o acesso às terras em que os Wari' se alocavam. A partir dessa observação, pode-se afirmar que o território comportava uma numerosa sociedade de indígenas do grupo. Mas, por causa de inúmeros confrontos, contato com não indígenas e doenças que foram trazidas pelos homens brancos, muitos foram afetados, e um aglomerado de Wari' foi morto, pois perseverantemente queriam cuidar de seu território. Os contra-ataques dos Wari aos seringueiros e aos trabalhadores da ferrovia foram incessantes e brutais.

Atos como esses eram comuns, pois os confrontos eram contínuos, cheios de raiva e ódio. Por muitas vezes, os Wari' quando já não podiam carregar o peso do adversário nas costas, cortava parte do corpo dele, assava e se alimentava.

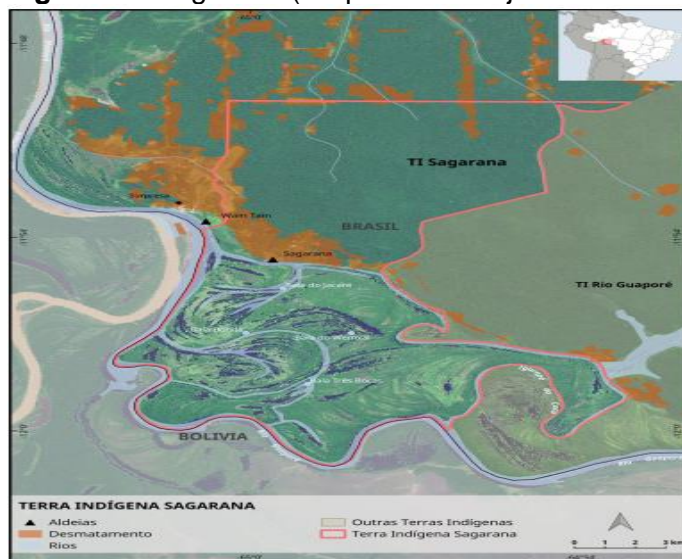
De acordo com os estudos de Vilaça (1992), os Wari' se alimentavam não apenas dos inimigos, mas também dos mortos do grupo, quando acontecia uma doença que não poderia ser curada por um Xamã do grupo, que conversava com os espíritos e tinha um poder especial de aplicar técnicas de cura. O acamado era chorado pela família, parentes e amigos próximos da comunidade; logo após a partida do doente para outro plano espiritual, histórias eram contadas sobre o que ele fez em vida e lembravam dos feitos deste. Os parentes consanguíneos organizavam o funeral, enquanto os outros eram os responsáveis pelo ensejo. Um ritual acontecia para a preparação do corpo, logo, precisava ser conservado até a chegada de outros membros de aldeias próximas, que eram avisados pelos moradores do local.

O ritual poderia acontecer durante três dias. O cheiro do corpo já não era agradável, e quando chegava a esse ponto, era cortado e assado junto ao milho e servido de alimento para os parentes, mas estes não podiam comer o corpo como se fosse uma caça, nem pegar com as mãos – eram utilizados gravetos para que fosse compartilhado o luto e respeitar o familiar que tinha partido. Nem sempre o corpo era consumido por inteiro, o odor não permitia tal feito. Logo depois, era decidido sobre o que fariam com o que restara e com os ossos, e as crianças eram as responsáveis pelo consumo do miolo do defunto.

Após o funeral, os pertences do morto eram queimados, como casa, roçado e lugares que ele costumava ficar – o luto era obedecido por meses e até anos. Quando chegava ao fim do luto, uma caçada era feita, uma festa era realizada pela comemoração da passagem do ritual, pois o morto já não fazia mais parte do plano espiritual e poderia seguir e voltar a terra como uma queixada⁹.

Anos após o confronto entre os povos, em 1956, por missionários (Missões Novas Tribos), que chegaram à região e tentaram estabelecer contato pacífico nos postos indígenas, nesse mesmo ano, uma expedição foi organizada para tentar contato com os grupos que viviam na região, e muitos indígenas do grupo serviram de intérpretes, por meio de inúmeras tentativas conseguiram a confiança de alguns membros do grupo Wari', que, após muitas conturbações com seringueiros em suas terras próximas às cidades de Guajará-Mirim e Nova Mamoré no estado de Rondônia, conseguiram retirá-los de seu território, pois estavam sendo dilacerados pela construção e a invasão de seringueiros, missionários, e o governo brasileiro instalaram um local que abriga até os dias de hoje muitos grupos que foram retirados de seu local de origem, próximo ao distrito de Surpresa (Guajará-Mirim), em Sagarana – uma espécie de grande aldeia que abriga várias etnias, muitos de família distintas. No ano de 1969, como afirma Teles Maeda (2000), foi consolidado, oficialmente, o posto indígena em Sagarana e o contato oficial com muitas outras etnias que viviam no território.

Figura 2 – Sagarana (Surpresa – Guajará-Mirim/RO).



FONTE: SENLLE; SANTOS, 2017, p. 12.

⁹ Tal prática já não acontece na atualidade. Estima-se que se findou logo após a pacificação do povo Wari' e a aplicação de dogmas religiosos impostos pela Igreja Católica e católicos das novas aldeias.

Senlle e Santos (2017) apresentam a separação dos Wari' com os demais grupos e como fundaram a construção das aldeias com os grupos os quais foram desolados que sofriam muitas perseguições que tiveram o apoio da igreja católica e dos missionários os quais apoiaram os indígenas nos anos de 1960 em Sagarana. Leão, Azanha e Maretto (2005) apontam que as epidemias ocorridas após o contato, tiveram um efeito devastador sobre a população e estima-se que a sociedade Wari' antes do contato (1959) era de cerca de mil indivíduos; em 1962 essa população estava reduzida a 399 pessoas.

[...] **[Moradores de Sagarana descrevem]** Nossa história em Sagarana começou em novembro 1965, quando o Frei Luiz Gomes de Arruda trouxe algumas famílias Oro Nao', do Rio Pacaas Novas, e, ainda, outras Oro Mon, da região do Igarapé Ribeirão, para viverem aqui. Os padres estavam trazendo os Oro Wari' para o Rio Guaporé devido aos conflitos e epidemias que assolavam as regiões onde estávamos vivendo naquele momento. Em processo de contato com os não indígenas, os Oro Wari' sofriam com a fome e epidemias de sarampo e malária. Chegando ao Guaporé, os Oro Wari' começaram a receber atendimento médico dado pelo padre e médico Alexandre Bendoraitis em um barco. Nesse tempo também havia somente uma casa de palha onde os primeiros a chegar ficavam. Alguns Oro Nao' chegaram a voltar para suas antigas malocas por causa de uma infestação de carapanãs. Eles nunca mais voltaram, mas os padres trouxeram outros Oro Wari' que também sofriam por causa das doenças. A aldeia foi expandida, construindo novas casas para as pessoas. Desde então, Sagarana cresceu. (SENILLE; SANTOS, 2017, p. 9, grifo nosso).

O grupo, em meio a esses confrontos e mortes, subdividiu-se em outros pequenos grupos, que aqui enfatizamos como subgrupos pertencentes a um grupo denominado Wari' (que, na língua, significa “gente”, juntamente com a partícula coletivizadora que é apresentada a este segmento, como ‘oro’ – nós), muitos são reconhecidos como Oro Wari' ou Wari, também conhecido na literatura como Pacaás Novos.

Segundo Vilaça (1992), o termo Wari' não se aplica apenas ao termo “gente”, pois é uma expressão também usada pela maioria dos grupos da família txapakura e não constitui apenas uma autodenominação, e sim uma lexia que é aplicada como definição de seres humanos, wari', que são opostos aos que não são humanos, como, animais, inimigos.

[...] Wari é tipicamente um ser humano, seja ele um índio Pakaa Nova ou um animal e karawa é tudo o que não é humano, mesmo um índio Pakaa Nova aos olhos de alguns animais. Todo wari' é caracteristicamente um predador, e todo karawa, presa. Tudo o que não é wari' é, dentro desses classificadores abrangentes, 'comida'. Trata-se, em suma, de uma definição essencialmente relativa, recíproca, destas categorias: wari' é a posição de sujeito, e esta posição é esquematizada como a de devorador; karawa é a posição de objeto, isto é, arquetipicamente, a posição de presa, de devorado. (VILAÇA, 1992, p. 51).

Em registro, podemos observar as terras indígenas ocupadas no estado de Rondônia a partir do levantamento apresentado por Leite (2007).

Figura 3 – Terras Indígenas em Rondônia.

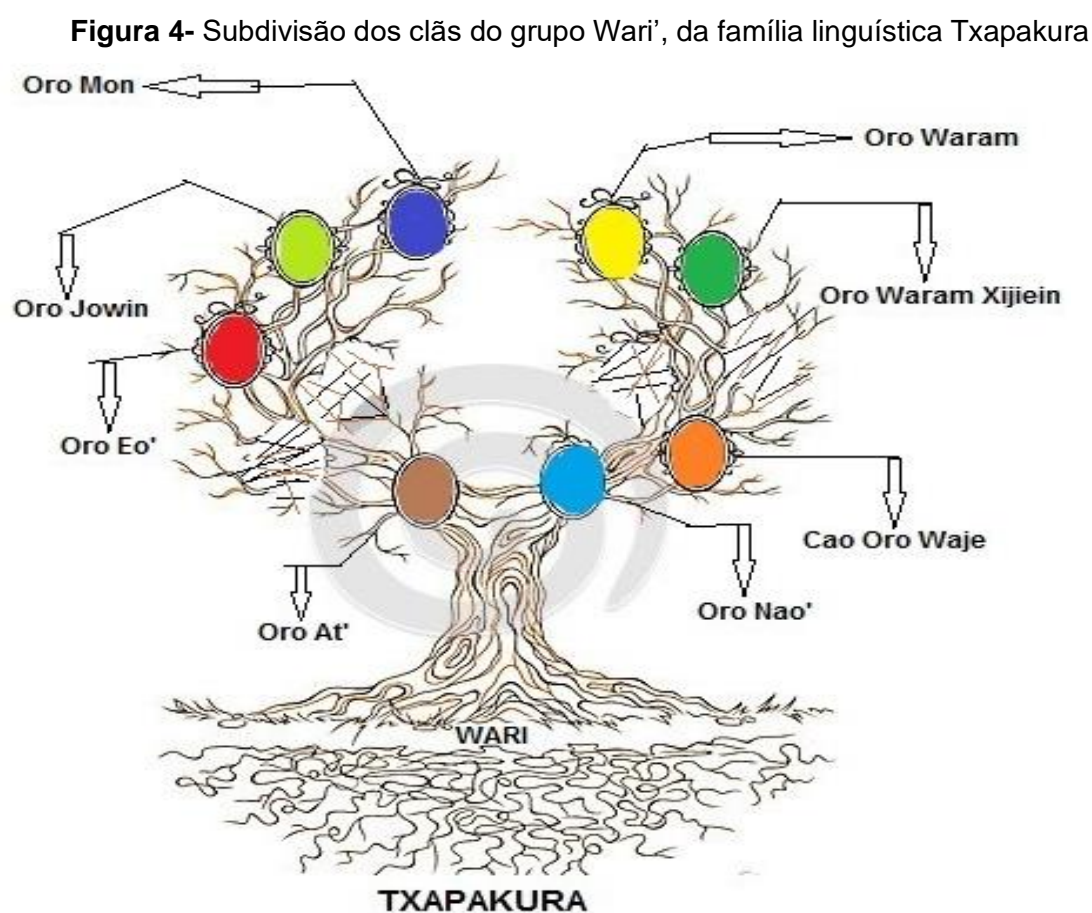


Fonte: LEITE, 2007, p. 31.

A separação de membros do grupo foi significativa para o conhecimento da riqueza linguística existente entre os Wari', de maneira que pequenas comunidades que foram formadas seguiram para os postos que tinham contatos com indígenas, outras continuaram no território e mudaram para lugares restritos, uniram-se com outros povos, misturaram traços, linguagem e costumes. O mapa apresentado por Leite (2007) mostra de forma destacada o deslocamento nas terras de Sagarana, Pacaás Novos, Igarapé Lage, Igarapé Ribeirão e Rio Negro Ocaia.

Os Wari' são constituídos por oito subgrupos distintos e possuem uma língua em comum, a Wari, que apresenta variações em cada clã, que foi nomeado por membros das comunidades que viviam próximas e/ou que possuíam contato – na

figura 4, podemos observar a subdivisão dos grupos.



Fonte: TOSUE; PEREDO, 2014, p. 20.

Sobre a organização dos subgrupos, valemo-nos da explicação dada por Vilaça (1992):

- Oro At (Povo osso) foram nomeados desta maneira, pois guardavam os ossos das presas (karawa) para comerem macerados e torrados quando agrupavam uma quantidade expressiva ao redor ou em suas casas;
- Oro Eo' (Povo arrotado) receberam esse nome, pois sempre que terminavam de cantar as músicas em encontros festivos com outros grupos, arrotavam e faziam barulhos com a boca e simulavam o mesmo som;
- Oro Jowin (Povo macaco-prego) foram identificados por esse nome, porque os outros grupos os achavam parecidos com macacos-prego, que era comum encontrar na mata e em parte do território em que viviam;
- Oro Mon (Povo das fezes) chamavam-se inicialmente de OroTakat, esta nomenclatura não é especificada por Vilaça (1992), mas quando foram convidados

pelos Oro Waram para beberem chicha¹⁰, perceberam que eles defecavam muito perto de suas casas;

- Oro Waram (Povo macaco-aranha) são conhecidos como macaco-aranha e ganharam o nome porque gostavam de comer frutas verdes, como os macacos dessa classe;

- Oro Waram Xijein (Povo os outros macacos-aranha) – os Oro Waram chamaram os outros povos que moravam perto de suas casas de Oro Waram Xijein, que seria um outro povo macaco-aranha;

- Cao Oro Waje (Povo que come verde) foram chamados dessa forma pelos outros grupos, porque tinham relações sexuais com meninas muito jovens;

- Oro Nao' (Povo morcego) receberam tal nome, porque fingiam que dormiam pela parte da noite, mas permaneciam acordados e em prontidão para que os outros grupos que viviam próximos ou quando aconteciam encontros festivos não tivessem contato com as suas mulheres e não as roubassem.

Cada grupo parece receber a sua identificação de uma forma crítica e irônica. As variedades do grupo Wari' constituíam um conjunto de grupos que habitavam em um mesmo local. Caso um homem do grupo que fosse solteiro e tivesse irmãos, geralmente, eles se casavam com um grupo de irmãs, ou se o jovem do grupo estivesse a procura de um enlace, e o outro grupo a quem queria unir-se tivesse duas ou mais irmãs, o noivo casava-se com as irmãs da esposa e assim formavam os clãs.

A sociedade Wari' é conhecida pela igualdade dos membros do grupo, não possui chefes ou algum tipo de liderança ritualística específica. Os anciãos são muito respeitados. Logo após a união, o grupo alternava a locação, moravam com os parentes do marido ou com os parentes da mulher. Não se pode definir se após a união os parentes próximos seriam por parte do homem ou da mulher, isso dependia do interesse e da relação entre as famílias. Anos após eles usufruírem o território e verificarem que havia uma terra fértil, virgem em um local próximo, todos da família mudavam-se para outro local, homens solteiros e adultos não compartilhavam ambientes. Vilaça (1992) aponta que os homens adultos eram os responsáveis pela manutenção da casa, como a caça, enquanto os rapazes jovens e solteiros eram responsáveis pela pesca e o cultivo.

Segundo dados obtidos pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI, 2013), as

¹⁰ Bebida fermentada à base de milho mole.

variedades do grupo Wari' localizam-se no território de Rondônia, que se distribui por 16 aldeamentos localizados nas Terras Indígenas Lage, Ribeirão, Pacaás-Novos Rio Negro-Ocaia e Sagarana.

Tabela 1 – Localização e população Wari' no estado de Rondônia

Terras Indígenas	Postos Indígenas	Aldeias	Etnias	População
Ribeirão	Ribeirão	Ribeirão	Oro Mon, Oro Waram Xijein, Oro Nao', Oro Waram	216
Lage	Lage	Lage Novo, Lage Velho e Linha 10	Oro Waram, Oro Mon, Oro Nao', Oro Waram Xijein, Oro Eo, Oro At.	368
Pacaás - Novos	Sede, Santo André, Deolinda e Sotério	Cajueiro, Capoeirinha Tanajura, Pitop, G. Adeus, Deolinda, Bom Futuro e Sotério	Oro Waram, Oro Mon, Oro Nao', Oro Waram Xijein, Oro Eo, Oro At, Oro Jowin, Cao oro Waje.	895
Rio Negro Ocaia	Negro-Ocaia	Ocaia, Piranha e Panti-hop.	Oro Waram, Oro Mon, Oro Nao', Oro Waram Xijein, Oro Eo, Oro At, Oro Jowin.	399
Sagarana	Sagarana	Sagarana	Oro Mon, Oro Waran Xijein, Oro nao', Oro At, Oro Eo, Cao Oro Waje.	208

Fonte: Elaborado pelo autor.

Muitos membros do grupo Wari, após a separação com os demais clãs que surgiram a partir das comunidades, casamentos e união territorial para sobrevivência, como apresentam Leão, Azanha e Maretto (2005), tinham como fonte sustentável no local a caça de animais, a pesca de peixes, o cultivo da castanha, copaíba, babaçu, açaí e outras frutas de palmeiras, como o buriti, o tapauá e a bacaba.

Vilaça (1992, p. 61) evidencia a relação dos Wari' com a natureza da forma que

é a separação entre duas entidades, como o corpo (kwere-) e alma (jam)¹¹.

- O Corpo: é apresentado como ser; mortal; princípio da diferença específica que distingue as diferentes espécies animais entre si e dos humanos.
- Jam: devir; imortal; princípio da identidade genérica: as espécies animais (com jam) são iguais entre si e aos humanos.

Os jam dos Wari' que morrem por outros motivos que não a agressão por jamikarawa (jam dos karawa¹²) e inimigos, vão para o mundo subaquático dos mortos; lá têm a forma humana, tornam-se a imagem jovem e saudável do que eram. O mundo dos mortos é um mundo de imagens, projeção idealizada do mundo dos vivos. Apesar dos jam dos mortos (jima) poderem aparecer aos vivos nos sonhos ou mesmo com espectros, ao subirem à terra eles têm caracteristicamente o corpo de queixadas. Mortos e devorados pelos Wari', eles retornarão ao mundo dos mortos, podendo subir à terra novamente como queixadas e assim *ad eternum*. Apesar de relacionado justamente à ausência do corpo, o jam está sempre associado a ele, que é seu significante; não existe, digamos assim, o puro significado. (VILAÇA, 1992, p. 61).

Os Wari' aplicam o termo 'Jam' a tudo que se faz parte do universo cultural deles para exemplificar uma relação de corpo e espírito, existe o 'jam' da floresta, da chuva, do vento, dos animais. O 'jam' da água, como peixes e as queixadas que são associadas a espíritos de mortos em sua forma reencarnada. Há também o 'jam' da noite, que os Wari' temem, pois há uma relação entre animais e xamãs mortos que estão prestes a atacá-los. Muitas doenças são associadas aos 'jam' dos animais, quando, por exemplo, uma comida que não é cozida ou preparada de forma adequada e causa algum tipo de desconforto no organismo, doença, os Wari' dizem que é o 'jam' do animal.

[...] Xatoji, menina de aproximadamente três anos, adoeceu, e o xamã Wan e' foi chamado para curá-la. Logo ao chegar, perguntou à família da doente o que haviam comido, e eles responderam: macaco-prego (jowin) cozido. Ao olhar a menina, Wan e' viu em seu corpo, pêlos e alimentos do macaco, que retirou cuidadosamente. Ele podia ver um macaquinho andando pelo corpo da menina e, ao mesmo tempo, via o corpo dela transformado em macaco, até mesmo com um rabo, que ele arrancou. Depois da sessão de cura, Wan e' discursou: "Não se deve beber o caldo do cozimento do macaco, porque ele tem muito

¹¹ Vilaça (1992) apresenta e o 'Jam' possui inúmeras informações, como espírito, sombra, reflexo, sonho e alma. Na obra de Vilaça será especificado o 'Jam' como espírito que situa a relação da alma e o corpo e a natureza, apresentando elementos e seres que podem ser consumidos e a relação de categorias apresentadas pela cosmogonia.

¹² Karawa - presa, inimigo.

gongo”. A ênfase foi dada ao fato de se ter comido o macaco, mas como o macaco, ato que, apesar de realizado por toda a família, só afetou à criança. (VILAÇA, 1992, p. 67).

Através do que expressa a relação dos elementos do ‘jam’ com o humano, os Wari’ acreditam que tudo que é relacionado à causa de morte resulta na incorporação pós-morte da pessoa ao ‘jam’ do animal.

A partir desse conceito, na relação de alguém que morreu com uma picada de cobra, o ‘jam’ incorporou-se à pessoa e ela reencarnou em cobra tentando encontrar os irmãos Wari’ para levá-los para viver como cobra também. Práticas alimentares com uso de sangue ou não cozimento do alimento, caça, relações sexuais com mulher menstruada, são vistos como atos impuros, e nomeados como presas de jaguar, pois jaguar gosta de sangue. O jaguar e as cobras são wari’, predadores, mesmo que possam ser relacionadas como presas em situações de confronto.

Os animais de caça encontrados pelos Wari’ em suas aldeias são, em maior número e com pouco esforço, os tatus, a paca e a cotia; os porcos-do-mato exigem um esforço maior, porque seus grupos se encontram mais distantes das aldeias e, geralmente, são caçados em grupos ou tocaias. Ao todo são vinte e sete os tipos de caça dos Wari’, podendo ser observado abaixo em uma lista de restrição alimentar dos descendentes da família txapakura.

Tabela 2 – Restrição alimentar Wari’

WARI’	PORTUGUÊS
miyak watakrat	Queixada
Mikop	Paca
kame’	Capivara
Yowin	Macaco-prego
Piwa	Cutia
Kamu	Jacu
kut-ninim	Tatu-bola
Min	Anta
me’komowa	Mutum
Wram	Macaco-aranha

Wrem	Guariba
Yamop	Nambu-azul
wan nram	Nambu-galinha
Kataxik	Catitu
hata'	Quati
Tikipan	Tatu-canastra
Pikot	Tatu 15kg
Mirop	Parauacu
Nawikin	Macaco-da-noite
Tokxam	Veado-capoeira
Kotowa	Veado-roxo
Komem	Veado-galheiro
Ahop	Jacaré-açu
Ahop	Jacaré-tinga
towa nein mi	Jabuti
awu'	Tucano
Piyiman	Tamanduá

Fonte: SENLLE; SANTOS, 2017, p. 20.

Senlle e Santos (2017) apontam que, no passado, apenas espécies de pequenos peixes eram conhecidas pelos Wari', pois pescavam em pequenos igarapés, na região do Laje e do Ribeirão, mas com a organização em clãs e novos meios de atribuição de pesca, como anzóis, linhada, malhadeira, ainda pescam com arco e flecha no rio Guaporé – a pesca de grandes peixes, como pintado, jaú e filhote são eficazes. Infelizmente, com o grande apontamento de pesca comercial, alguns peixes que são usuais na alimentação dos Wari' estão desaparecendo, como a Jatuarana, por causa da presença de grandes barcos no território e o consumo ilegal na seca.

Os Wari', atualmente, dedicam-se a grandes cultivos de frutos, como banana e laranja e raízes, como a macaxeira, que vendem quando vão até a cidade de Guajará-Mirim (RO) para realizar compras, fazer trocas por mantimentos industrializados ou por motivos de saúde. Na comunidade, plantam o milho “mole”, e aprenderam a

cultivar o milho comum, o arroz, o feijão com não indígenas e outros grupos que vivem na mesma sociedade.

Os excedentes que conseguem nas suas roças são vendidos em Nova Mamoré (Ribeirão) ou Guajará-Mirim, principalmente farinha, milho duro e banana. Na aldeia da Linha 10 (TI Lage) os índios ali residentes tiram de 500 a 600 cachos de banana por mês. Além dos produtos da roça (em 2004 - até agosto - as famílias do Lage venderam cerca de 130 sacas de farinha), as famílias Wari' das TIs em exame têm no extrativismo uma fonte de renda importante, principalmente da castanha-do-pará e o óleo de copaíba, além do mel, em menor escala. (LEÃO; AZANHA; MARETTO, 2005, p. 46).

O artesanato não era uma das principais fontes de recurso dos Wari', mas desenvolveram a habilidade com grupos vizinhos e passaram a fabricar cestos de todos os tamanhos e de vários formatos. Utilizam como matéria-prima as folhas e as fibras do tucumanzeiro, por ser forte para tecer e enrolar o cesto, sendo possível formar espiral. Apenas as mulheres fazem cestos, pois é uma atribuição que necessita de muita paciência e delicadeza. Antigamente, os Wari' não usavam adornos, apenas pinturas corporais.

Para os Wari', o urucum é a pintura corporal do cotidiano (tradicional), [...] e o óleo de babaçu é usado como fixador do urucum. No passado, homens, mulheres e crianças untavam diariamente todo o corpo (com exceção da genitália), com óleo de babaçu e com urucum, a não ser que estivessem tristes. Pessoas tristes, especialmente aquelas em luto pela morte de um parente, não se pintam, e a pintura corporal marca justamente o final do luto. (VILAÇA, 1992, p. 85).

Segundo Silva (1988 *apud* TOSUE; PEREDO, 2014, p. 26), os Wari' nunca fizeram redes, nem cocar, aprenderam com outros povos a fazer colares, pulseiras, anéis de tucumã e cestos trançados.

Os clãs relacionavam-se por meio de festas, como *tamara*, *hürodoin*¹³ e *hwito*¹⁴. Nas festividades, chicha (bebida de milho tostado) era servida de forma fermentada para que os visitantes ficassem bêbedos, e a intenção era, respectivamente, deixá-lo cair ao chão para dizer que venceu a disputa e que o oponente era fraco.

¹³ Tocar tambor - divertir-se.

¹⁴ Oferenda de bebida à base de milho – chicha azeda.

Tabela 3 – Festas dos Wari'

DESEMPENHO	TAMARA	HÚRODOIN'	HWITO'
ANFITRIÃO Homens	Oferecem alimentos e ironizam os convidados.	Tocam o tambor <i>pana</i> . Atacam sexualmente as mulheres convidadas. Oferecem chicha azeda aos homens convidados.	Oferecem chicha azeda aos convidados.
ANFITRIÃ Mulher	Observam e ironizam os convidados. Não oferecem alimentos.	Preparam chicha azeda. Recebem propostas sexuais dos convidados.	Preparam a chicha azeda e observam a festa.
CONVIDADOS Homens	Dançam e cantam músicas masculinas. Tocam <i>towa</i> . Submissos, não revidam críticas ou ironias. São alimentados passivamente e não se saciam.	Sopram flautas. Desejam sexo com as mulheres dos anfitriões. Predem animais domésticos. Destroem casas. São castigados com chicha azeda em excesso.	Dançam, sopram flautas e tocam tambores. Atacam animais domésticos. São castigados com chicha azeda.
Convidados Mulheres	São alimentadas passivamente e não se saciam.	Cantam músicas femininas. Tocam pequeno <i>towa</i> . Permanecem na floresta quase todo o tempo. Protegem-se dos ataques sexuais dos anfitriões.	O mesmo que o dos homens, mas não ficam inconscientes com a chicha azeda nem atacam animais.
Músicas	<i>Tamara</i> . Música masculina. Temas centrais: relações sexuais ilícitas, trocas inadequadas de comida.	Flautas, homens convidados. <i>Pana</i> e chocalhos - músicas femininas acompanhadas pelo <i>towa</i> - mulheres convidadas.	Sons de animais. Flautas pequenas e pequenos <i>towa</i> : homens e mulheres convidados.
Alimentação	Alimentos cozidos/assados e pré-digeridos. Chicha doce.	Chicha azeda: dos anfitriões aos homens convidados. Chicha doce e alimentos sólidos das mulheres anfitriãs às mulheres convidadas.	Chicha azeda dos homens anfitriões aos homens e mulheres convidados.
Pintura corporal	Jenipapo com motivos naturais, caracterizando o período de permanência na floresta. Urucum caracterizando a entrada na aldeia. Aparentemente exclusiva de convidados de ambos os sexos.	Jenipapo com motivos naturais e urucum. Aparentemente exclusiva de convidados de ambos os sexos.	Jenipapo com motivos naturais e urucum. Aparentemente exclusiva de convidados de ambos os sexos.

Fonte: VILAÇA, 1992, p. 198.

Em muitas comunidades, a religião e os costumes são ameaçados. As igrejas evangélicas situam-se em grande massa em quase todas as comunidades. Muitas localidades ainda recebem apoio da Igreja Católica, e outras converteram-se ao protestantismo.

Apresentados alguns aspectos histórico-culturais dos Wari' a seguir, passamos a discutir questões relacionadas ao sistema linguístico do grupo com reflexos da família txapakura.

2.2 Os Wari': Sistema Linguístico

A língua falada Wari' é algo passado de pai para filho, visto que se um homem se casa com uma mulher do mesmo grupo, que é de outra variante, a língua falada em casa era a do marido, e os filhos passavam a ser educados pela mãe e falavam a língua do pai em casa.

O inventário vocálico de Wari' é grande para uma língua amazônica de planície, atestam Everett e Kern (1997), pois os autores afirmam que as vogais estão distribuídas de maneira desigual no espaço vocálico. A língua Wari' possui cinco vogais: /i/, /e/, /a/, /o/ e /y/, e outra /ø/ que seria uma espécie de vogal adicional utilizada em intervalo de consoantes, presente respectivamente na variedade Oro Nao'.

Everett e Kern (1997) afirmam que os Wari' têm um dos sistemas vocálicos mais assimétricos do mundo. Em seu sistema, as vogais apresentam uma distribuição uniforme no espaço de construção, não organizados em apenas um lugar. As formações são apresentadas como não arredondadas quando frontal e arredondadas quando a parte anterior nas paredes no sistema vocálico são preenchidas. Quatro das vogais em Wari' são frontais próximas/intermediárias próximas, das quais duas são arredondadas. A vogal presente apenas em uma das variedades Oro Nao' é /ø/, vista como incomum, como /kame/.

Para valor de registro, pesquisadores da língua ou falantes não nativos, como Bárbara Kern, que conviveu muitos anos, especificamente com os Oro Nao' desde o primeiro contato em 1956, uma das maiores conhecedoras e falantes não indígenas da língua, possuem uma grande dificuldade em distinguir essas vogais anteriores, que contrastam com apenas uma única vogal posterior /o/.

De acordo com o apontamento das vogais, as representações em palavras

podem ser analisadas a partir da formação silábica básica em Wari': CV (C), mas morfemas sufixais podem ser apresentados, como VC, VCVC ou V. As nasais podem ocorrer em sílabas com codas.

Angenot-de-Lima (1997) apresenta através de teorias aplicadas à família Txapakura a segmentação e construção da seguinte maneira: em uma sentença, quando existirem duas sílabas pesadas, ambas serão atestadas como palavras distintas; em uma palavra, a sílaba pesada marca a finalização.

Angenot e Angenot-de-Lima (2000) evidenciam a construção lexical a partir da restrição intrassilábica em posição de onset e coda da sílaba.

Em posição 'onset' de sílaba (\$ ---), somente as seguintes consoantes são permitidas: /p t k ʔ p^w h h^w m n ɲ m^w r t^s d^s t^l j w/
Em posição 'coda' de sílaba (--- \$), somente as seguintes consoantes são permitidas: / p t k ʔ m n ɲ m^ʔ n^ʔ t^l w w^ʔ/. (ANGENOT; ANGENOT-DE-LIMA, 2000, p. 54).

Angenot-de-Lima (1997) deduz que as línguas da família Txapakura são denominadas isolantes, através da observação em análise de dados atestados por ela e, com referência a Everett e Kern (1997), podem ser consideradas aglutinantes¹⁵.

Os estudos realizados por Sapir (2004), referentes à tipologia, ressignificaram, em quatro, os tipos em relação aos estudos dos morfemas, como o que cita Angenot-de-Lima (1997) para a família Txapakura, como isolante, sem afixação e o que contesta Everett e Kern (1997) para a língua Wari', aglutinante, com simples afixação. O que pode ser observado é que nem todas as línguas apresentam caráter puramente imutável, visto que a apresentação de lexias podem ser participações e classificações de acordo com sua formação.

Vejamos o quadro representativo, na Tabela 4, de algumas lexias encontradas apenas na língua Wari'. Nele é possível observar a apresentação das consoantes na vertical e das vogais na horizontal, logo nas colunas será apresentada a formação de palavras em uma formação léxica.

¹⁵ Segundo Sapir (2004), após a revisão da tipologia morfológica, evidencia-se que as propriedades de uma palavra são representadas em dois parâmetros independentes, e chegam a tipos que apresentam a formação de seus morfemas, como em línguas analíticas que apresentam um morfema por palavra; as línguas sintéticas que evidenciam um registro pequeno de morfemas por palavras; as línguas polissintéticas em que há um grande número de morfemas apresentado por um aglomerado de raízes por cada lexia.

Tabela 4 – Lista de palavras para representação de sílabas

	I	E	A	O	Y
p	Noopi abelha (espécie)	ʔanpe Derrubar	Papa arraia/raia	pok pok ferver	ko-py minha mandioca
t	*	kote ka o pai dele	Pita peixe (espécie)	kawotoʔ panela de barro	*
k	ko-ki sua coxa	ʃikeʔ milho mole	Koka peixe (espécie)	koko tipo de cesto	ko-ky meu sangue
k ^w	tok ^w i sua semente	tok ^w e Castanha	tok ^w a bebida de milho (chicha)	*	*
ʔ	ʔiʔ Rasgar	maʔe positivo (fem.)	kaʔa pássaro (espécie)	toʔo nome para mulher	ʔaʔy nome para mulher
m	Komi sua água	teme formiga (espécie)	Hyma lagarto	kamo pássaro (espécie)	ʃymy meu coração
n	pe ni ser separado	mene minha coisa	Wina minha cabeça	wino caju	myny minha barriga
ʃ	kafiʔ estar doente	ʔoʃe fruta (tipo)	kaʃaʔ homem solteiro mau	naʃoʔ peixe (espécie)	kyʃy Meu terçado
h	Hihi coruja (espécie)	hehe hesitar	Toha Brilhar	Maho Urubu	oro kohy árvore de cedro
r	nari estar relacionado	k ^w ere meu corpo	ʔara Fazer	noro ver	nyry explodir
w	Tawi querer	tawe ser gordo	Kawa Flexa	Kowo sapo (espécie)	ʔawy tucano
j	Maji ir	ʔjeʔjeʔ falcão (espécie)	Mija ter muito	Wajo Uivo	kyjy pássaro (espécie)

Fonte: MACEACHERN; KERN; LADEFOGED, 1997, p. 3.

Quanto à referência aplicada por Sapir (2004) ao estudo das línguas, as afirmações de Angenot-de-Lima (1997) para a organização das lexias da família Txapakura e a contestação de Everett e Kern (1997) referente aos Wari' aplicam-se de forma que nem todas as línguas possuem caracteres imutáveis. As formulações e

preestabelecimentos adotados podem ter ressignificações e adaptações, pois, após várias uniões interétnicas, muitas mudanças podem ter ocasionado um reflexo na língua, tornando-a isolante em algumas apresentações e aglutinante em outras.

Como Camargos e Apontes (2018, p. 18) ressaltam: “[...] o Oro Wari’ possui uma estrutura isolante/analítica, manifestada por meio da forma analítica como as propriedades gramaticais se estruturam com um determinado núcleo”.

Os estudos de Everett e Kern (1997) inferem que, na língua Wari, a ordem quanto à formação frasal, estrutura de constituinte aplicasse em V.O.S., as formulações da escolha situam-se em função pragmática, o foco que se quer evidenciar.

Em estudos realizados por Apontes (2015) em Wari’, especificamente, em Oro Waram, variante Wari’, língua a qual descreveu, os constituintes oracionais são compreendidos da seguinte forma: o sujeito é argumento externo do verbo; o objeto é argumento interno do verbo; o verbo é o predicador. Em Wari’ se enquadra a estrutura V.O.S, mas também há a possibilidade de constituição frasal em V.S.O. e S[V.O.]. Vejamos exemplos aplicados por Apontes (2015, p. 217) quanto à relação e apresentação de possibilidades.

Ordem V.S.O.: a sentença é iniciada pelo predicador (verbo), mas o sintagma verbal é finalizado com os pronomes que marcam e apresentam a concordância argumental. Os pronomes finais codificam os argumentos do verbo, (?na) apresenta o sujeito de primeira pessoa no singular e -em o objeto de segunda pessoa, elemento interno.

4a Oro Waram (APONTES, 2015, p. 217)

V	s-O
noro	?nem
	?na-em
Observar	1SG-2SG
‘Eu observo você’	

Ordem V.O.S.: a estrutura da oração apresenta os marcadores pronominais que concordam com os argumentos do verbo. A partícula {na} como parte dos pronomes concorda com o sujeito (argumento externo) e parte de seu pronome {-am} apresenta a concordância com o argumento interno {narima?} requerido pelo verbo.

Na construção da sentença, o objeto é apresentado antes, e o sujeito após ele; logo, ocorre a estrutura V.O.S.

4b Oro Waram (APONTES, 2015, p. 217)

V		s-o.F.	O	S
krik	pin	nam	narima?	trama
		na-am		

Ver	PERF	3SG-3SG.F.	mulher	Homem
-----	------	------------	--------	-------

‘O homem viu a mulher’

Ordem S.V.O.: nesta constituição, há uma formação complexa que apresenta três orações. A quantidade das orações é evidente a partir da quantidade de pronomes, organizados da seguinte forma: primeira oração com requerentes de argumentos aplicados a {na-on}; a segunda oração: {na}; terceira oração: {na-on}. O argumento externo (sujeito) realiza-se no início da sentença, podendo ser compreendido pela concordância aplicada pela partícula {na}. Explica Apontes (2015, p. 219): “Esse sujeito circundado com o demonstrativo pessoal e não pessoal ocupa essa posição para enfatizar o argumento sujeito. Essa posição é própria de estruturas topicalizadas.” Na formação de constituição, houve alterações quanto à formação que foi organizada por motivos pragmáticos, logo a estrutura é S.V.O.

4c Oro Waram (APONTES, 2015, p. 219)

	S		V		O
kam k ^w aŋ	fojam	k ^w aŋ	tomi	ŋrak non	fohara?j
				na-on	

DEM.F.DIST.SG.	moça	DEM.DIST	insultar	3SG-3SG.M	jovem
----------------	------	----------	----------	-----------	-------

tama? jam	na	korem	non
		kore-em	na-on

HAB	preguiça	3SG	Corpo-2SG.GEN.	3SG-SG.M
-----	----------	-----	----------------	----------

‘Aquele moça lá insultou rapaz [dizendo]

– O teu corpo costuma estar cansado [você é preguiçoso] - Ela [disse] a ele’

A língua Wari', nos aspectos apresentados por Apontes (2015), apresenta três ordens de realizações que são permitidas – todas gramaticais, sendo observadas pela codificação que os pronomes realizam aos argumentos requeridos pelo verbo; assim, os pronomes se organizam e são os responsáveis pela ordem dos constituintes, que são marcados como sujeito e objeto na sentença.

De acordo com Altini (2006), o alfabeto organizado por alguns professores indígenas é utilizado nas escolas Wari', inclusive na comunidade Sotério para alfabetização, no estado de Rondônia, *a e h i k m n o ö p r t u w x y*. Normalmente, na fala, as sequências nas primeiras vogais apresentadas em *oro, ara, ere, iri, uru* não são pronunciadas, e é perceptível nas variedades o apagamento, como pode ser observado nos exemplos: *Oro Waram (Ro Ram), arain (rain)*¹⁶, *Huru (ru)*. Altini (2006) apresenta apenas essas três construções em sua obra e não evidencia traduções, apenas aplicações de apagamento.

Para compreender a teoria dos classificadores, pois os mesmos não possuem registros os quais os conceituam em Oro Nao', partimo-nos do estudo de Mori (2002), em seu conhecimento em relação às línguas ameríndias, o qual aponta que os falantes nativos da América do Sul empregam em suas construções linguísticas, inúmeras formas de refletir o conhecimento de mundo através do seu sistema de comunicação.

Refletimos que os referentes nominais das línguas amazônicas são classificados e categorizados de acordo com suas características semânticas, pois os elementos classificadores denotam características de um referente ao qual um determinado nome está associado.

Os classificadores se comportam como elementos híbridos, ou seja, podem ocorrer em mais de um contexto. Assim, eles apresentam domínios semânticos mais comuns dos termos de classe, como os exemplos do mundo etnobotânico¹⁷, que refletem “[...] as diferenças entre árvores e frutas, processos de composição do tipo: X-fruta/redondo vs. X-árvore/longo-rígido.” (MORI, 2002, p. 308).

Podemos observar que (-i?), classificador para líquido em Chayahuita (Capahuapana, Peru), modifica (na?ne - rin) ‘chorar’ para (na?ne-i?) ‘lágrimas’.

¹⁶ Pronunciado de forma vibrante como se a vogal estivesse expressa na fala, assim como aplicações em *oro, ara, ere, iri, uru*.

¹⁷ Mori (2002) ressalta que o mundo etnobotânico é formado por elementos existentes na natureza, como folhas, grãos, sementes, frutos e árvores.

Martines (2007) nos estudos com os Munduruku apresenta o sufixo (dup) como um classificador de forma; sendo assim, elementos relacionados à forma de folha (vegetal) o recebem em fim de palavras, como em: (a ko dup) folha da bananeira e (mu re o dup) morcego.

De acordo com a associação e conhecimento de mundo, elementos que fazem parte da realidade indígena são associados aos formatos de outros elementos que possuem semelhanças.

Ao apresentar os estudos relacionados aos classificadores, vale ressaltar que a fluência da língua é um dos grandes aspectos que motiva a aplicação em contextos de novas palavras e associações dos termos por objeto de conhecimento.

Birchall (2018), em seus estudos com a família Txapakura, especificamente, com os Wari, apresenta que os níveis de fluência da língua são variados nas comunidades indígenas, pois oscilam de lugar para lugar. Por exemplo, em algumas comunidades, é observado que 100% das crianças falam como primeira língua e não conversam e interagem com outros membros com o português, e em outras, esse quantitativo é bastante reduzido, isso varia de acordo com a aproximação de falantes nativos com não indígenas e, em muitas vezes, o uso acelerado com a Língua Portuguesa, tornando-se assim um estado crítico que deve ser estudado e documentado por outros pesquisadores.

Os dialetos falados nas comunidades pelos variados clãs se diferem na “[...] ausência do segmento [hw] no dialeto terrestre, contraste entre *’na* (terrestre) e *ina* (fluvial) na primeira pessoa singular da flexão verbal no passado/presente, e algumas diferenças lexicais e idiomáticas.” (BIRCHALL, 2018, p. 17).

Em algumas comunidades, como Graças a Deus, há um grande risco quanto ao uso da língua, pela proporção de união e a não utilização de uma língua veicular com os filhos. Outro fator que colabora com o risco é a aproximação com centros urbanos, como a cidade de Guajará-Mirim (RO).

Em uma abordagem de mapeamento de estudos realizados com os Wari’, é possível identificar que muitos pesquisadores dedicaram-se aos estudos específicos com a língua, como Altini (2001-2004-2006) com levantamentos de estudos de mapas, universo cultural, visão de mundo e localização dos Wari’; Kern (1996) com uma versão preliminar do dicionário da língua Wari; Everett e Kern (1997) com estudo aprofundado em Wari’, referente à construção de uma gramática, apresentam elementos da construção da língua, com a amostragem especificamente do Oro nao’

como estudo principal e referência; Tosue e Peredo (2014), em monografia, empreenderam levantamento preliminar de neologismos em Oro Nao' através de campos semânticos; Apontes (2015) com a tese de doutorado, que descreve a variante Oro Waram através de conceitos relacionados à fonologia, morfologia e sintaxe; Birchall (2016) com estudos relacionados a aspectos comparativos de línguas da família Txapakura em documentação de línguas e culturas no Museu Paraense Emílio Goeldi.

Todos os estudos são específicos e de grande valia, mas muitos aspectos ainda precisam ser estudados e/ou descobertos, visto que, com grande avanço da tecnologia, aproximação com não indígenas e em algumas comunidades o não uso ativo de sua língua como a primeira, é importante que novos conceitos e temas precisam ser evidenciados quanto à formação do léxico, organização de predicções, estudos comparativos de subgrupos e mapeamentos de línguas que – em algumas comunidades – estão em fase de extinção, purismo linguístico e outros.

CAPÍTULO 3. METODOLOGIA

A proposta aplicada é a análise descritiva de lexias nominais da variedade linguística Oro Nao' do grupo Wari' - família Txapakura, que se faz por registro no campo semântico, possibilitando uma maior abrangência de palavras usuais na língua.

O campo em estudo é “casa”. A validade proposta se faz necessária quanto ao uso de objetos e termos usuais que, na atualidade, são corriqueiros em comunidades indígenas.

Compreendemos que o processo natural relacionado à mudança da língua é evidente, e ele se modifica cotidianamente; logo, a partir de uma nova ressignificação, o léxico é enriquecido de forma natural através do que se possui internamente na cultura e na língua do povo.

Queixalós e Gomes (2016) enfatizam que as línguas apresentam inúmeras formas de manifestações, inclusive as amazônicas, e no léxico, as classes nominais são constituídas por elementos que apresentam um conjunto de propriedades.

Os elementos léxicos se subdividem, em termos de sua relação com o núcleo, em argumentos e modificadores. Os argumentos são aquelas expressões com capacidades para referir – sintagmas nominais encaixados ou formas pronominais – que preenchem uma vaga requerida pelo núcleo, como em **ausência do pai**. Os modificadores, por sua vez, predicam -F uma maneira de existir do *denotatum* do núcleo, como em **panela de barro**. Há de se notar que além da forma, que pode ser idêntica como nos exemplos do genitivo português, é a valência do núcleo que determina a diferença entre um argumento nominal e um modificador nominal: panela ocorre de maneira natural sem o genitivo, enquanto a especificação do ausente é a forma natural de ocorrer para ausência. O modificador prototípico dentro do sintagma nominal é o adjetivo. (QUEIXALÓS; GOMES, 2016, p. 9, grifos do autor).

Os autores escrevem que as línguas apresentam inúmeras formas de aplicar função a um elemento predicador e que as realizações entre os participantes de uma sentença nominal podem ser compreendidas de acordo com o tipo de núcleo estabelecido dentro de uma sentença.

Para nível de compreensão, a base especificativa tende a aplicar noções identificadas nos elementos da sentença nominal, pois, como apresentam, em um sintagma nominal, a linha de estudo descritivo a que compete este trabalho, sintagmas

nominais apresentam ordens comuns na Amazônia de (modificador + modificado), como pode ser observado em: (bonita + mulher) modificador modificado (QUEIXALÓS; GOMES, 2016, p. 10). Mas, em algumas sequências, a lexia que apresenta aplicações modificadoras ocorre à direita do elemento, apresentando uma entidade ou elevada ao núcleo, como [mulher + bonita].

É possível compreender o exemplo dado por Queixalós e Gomes, de acordo com as aplicações Katukina- Kanamari relacionadas à inversão de ordem.

5 Katukina-Kanamari

bak anya

ser.bom mulher

‘A mulher é bonita’ (Queixalós; Gomes, 2016, p. 10)

O que pode ser compreendido na análise do sintagma é que a ordem básica do sintagma é de dependente + núcleo para aplicações ao elemento predicador.

Sendo assim, os itens serão apresentados na língua Oro Nao’ e o registro em glosa para analisar a construção de organizações descritivas do campo semântico “casa e alimento”. Logo depois, os elementos serão ressignificados de acordo com o estudo em levantamento sobre o processo e a estruturação.

Para a descrição da língua, adotamos a metodologia nos moldes de Max Planck Institute, que serviu como base organização das lexias em Oro Nao’ e os elementos comentados.

O estudo possui um caráter descritivo e comparativo, com dados extraídos da dissertação de mestrado de Sousa (2009) na realização do dicionário português-oro mon, variante Wari-Txapakura e atestado com o campo semântico “casa” em dados coletados com apenas um colaborador, falante da língua, Joel Oro Nao’ da comunidade indígena Sotério – Pacaás Novos, professor da rede pública municipal da cidade de Guajará-Mirim (RO) e professor indígena na comunidade em que nasceu.

Os encontros aconteceram nos anos de 2021 no segundo semestre, e em 2022 no primeiro semestre, estes resultaram em coleta de dados e apresentação de possibilidades que a língua aceita nessas novas construções dentro da comunidade.

Os dados extraídos do dicionário de Sousa (2009) formam o campo semântico “casa e alimento”; logo, houve a possibilidade de descrição comparativa, visto que a

liberação de pesquisa via Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) restringiu a entrada em comunidades indígenas para realização de pesquisas devido às restrições de saúde ocasionadas pela COVID 19.

A pesquisa teve como liberação a aprovação em estudos em comunidades indígenas de acordo com o parecer 5.074.600 da Comissão de Ética em Pesquisa (CEP) e CONEP.

3.1. Levantamento de dados

Neste tópico, algumas considerações se fazem necessárias, quanto às etapas desenvolvidas e às construções investigativas. A coleta inicial foi realizada de acordo com o levantamento de dados que compõem o campo semântico “casa e alimento” segundo processos de documentação de uma língua em campos semânticos, levantamento por Ramirez (2012).

Os procedimentos realizados em coleta foram específicos em recursos empregados pela língua, julgando pontos, como utilização de lexia por grupo de falantes e possibilidades de aplicação dentro da comunidade. Para validar os dados, fez-se necessária entrevistas com um falante da língua para que fosse compreendida a lexia dentro de uma estrutura ou um contexto de acordo com o seu funcionamento.

Em Wari', há um sistema ortográfico utilizado nas comunidades; assim sendo, o registro das lexias em coleta de dados foi significativo e documentado a partir de contextos fonológicos em aspectos de construção da palavra.

O colaborador da pesquisa é indígena, nascido em Sotério na década de 50, é casado e possui graduação em Letras. Atualmente mora na cidade de Guajará-Mirim (RO) e trabalha na rede pública municipal como professor de ensino básico. Frequenta a comunidade ativamente e recebe familiares em sua residência quando estão em trânsito na cidade para realização de consultas médicas, venda de produtos cultivados e compras de mercadorias.

Os dados a serem apresentados possuem uma noção comparativa com o Oro Mon', variante Wari', em um respectivo trabalho de dissertação de mestrado elaborado por Sousa (2009), com a temática “Dicionário da língua Wari': oro mon - português”. A organização de dados comparativos se faz necessária, visto que pesquisas realizadas nas comunidades em dados linguísticos foram atestadas por Sousa (2009) e registradas em uma construção de dicionário linguístico da língua.

Os traços apresentados de forma equivalente foram atestados pelo colaborador da pesquisa para observar a construção da palavra e a compreensão de mudança ou adaptação linguística.

Sendo assim, segue a documentação comparativa na Tabela 5, como testagem descritiva dos dados distintos no Capítulo 4 desta dissertação.

CAPÍTULO 4 – ANÁLISE COMPARATIVA – CASA

Esta seção se dirige especificamente para apresentação dos dados da pesquisa. Para que seja compreendida de forma significativa, organizamos esta amostragem em dois pontos importantes: o primeiro relaciona-se à exposição dos dados e ao modelo de organização; o ponto seguinte apresenta a descrição e a análise dos dados, incluindo-se os comentários sobre a formação das palavras.

4.1 Apresentação dos dados

Antes de verificamos como os dados são apresentados, é importante ressaltar o processo de organização. O campo semântico aqui analisado, “casa”, é um dos 28 existentes (RAMIREZ; 2012), para documentar línguas indígenas.

Como é sabido, há várias lexias sinônimas que apresentam o mesmo sentido ou equivalência. O interesse deste estudo se limita em observar os processos encontrados na descrição da existência de novas ressignificações em uma palavra em uso, especificamente com base neónimica - na tabela 5, observa-se que algumas lexias apresentam o mesmo sentido de outras e que, em sua nova apresentação, são inseridos ou não morfemas, elementos importantes para esta pesquisa.

Na leitura e na compreensão deste estudo, observamos os seguintes itens exibidos na tabela 5:

- Lexia em Oro Mon (Sousa, 2009): quando há o termo apresentado segundo o *Dicionário Oro Mon- Português*;
- Significado em Oro Nao': quando há a representação da palavra em Oro Nao';
- Equivalente na Língua Portuguesa (LP): termo usual popular no português;
- Alterações conferidas pelo colaborador: o sentido apresentado pela palavra, atestado pelo colaborador;
- Outras informações: refere-se a especificações encontradas no dicionário de Sousa (2009) e suas acepções.

Tabela 5 – Casa

CAMPO SEMÂNTICO “casa”					
	Lexia em Oro Mon (SOUSA, 2009) ¹⁸	Significado em Oro Nao ¹⁹	Equivalente na LP	Alterações cf. colaborador	Outras informações
1	tirim	xirim'	Casa	No campo semântico “casa”, houve alteração do fonema ‘t’ para o fonema ‘x’.	Sousa (2009, p. 102) apresenta o termo como: nome dado a casa.
2	man	man	buraco (da porta ou janela).	Não houve alteração de palavra e alteração de sentido.	Sousa (2009, p. 81) apresenta como: 1. buraco, buraco no chão; 2. man <i>n.</i> vagina (lit. nosso buraco); e 3. man, buraco (da porta ou janela).
3	pana	pana	árvore, madeira, poste de energia	Não houve mudança de termo.	Sousa (2009, p. 92) apresenta ‘pana’ como um termo genérico que se atribui também a ‘banco’, assento com ou sem encosto. Indica também como batuque, festa (termo relacionado a um ritual para fim de divertimento). Atribui a ralo, instrumento de madeira que serve para ralar a mandioca.
4	Não há	panayi xirim'	Caibro	Não há aplicação na lexia pelo colaborador.	Compreende-se que elementos relacionados à forma que atribui o valor de “árvore” e seus derivados constituem o nome genérico (pana).
5	Não há	tikipain xirim	Parede	A construção refere-se à parte interna da casa, em que se	Segundo o colaborador, (tikipain) refere-se à parte interna de um

¹⁸ Os itens da coluna estão descritos de acordo como a autora apresenta em sua obra.

¹⁹ A coluna de significados em Oro Nao' é apresentada de acordo com as informações obtidas pelo colaborador. Sendo assim, as descrições da construção das palavras serão apresentadas conforme a ordem dos elementos e de acordo com os processos de formação das lexias.

				organizam os cômodos.	determinado lugar.
6	Não há	prego	prego	Empréstimo da língua portuguesa do campo semântico “casa”.	Não há.
7	tataiŋ	tatain	bater com o martelo, martelar	Não houve alteração lexical.	Sousa (2009, p. 100) apresenta a função da lexia, v. <i>tr.</i> bater com o martelo.
8	to	to'	lata, recipiente	Não houve aplicação alteração na lexia.	Sousa (2009, p. 102) apresenta como, n. cuiá (certo tipo de planta da família das bignoniáceas, <i>Crescentia cujete</i> L.).
9	pana	pana	banco, assento	Não houve alteração na lexia.	Compreende-se que elementos relacionados à forma que atribui o valor de “árvore” e seus derivados constituem o nome genérico (pana).
10	Não há	mam kao to wa	mesa	Não houve	Segundo o colaborador, a construção compreende-se como “lugar onde se come”.
11	wi	wi	esteira, cama	Não houve	Sousa (2009, p. 121) descreve: n. esteira (de palha aricuri).
12	kajiwi	kayiwi	rede de pescar ou de dormir	Não houve	Relacionado à wi.
13	Não há	Não há	berço	Empréstimo da LP no campo semântico “casa”.	Não há
14	miΣem	miya na nawarak	lixo	Houve alteração de construção de palavras.	O termo “miΣem” está relacionado a sujo e o termo “miya na nawarak” relacionado a lixo.

15	homene	mam ton ho wa	vassoura	Houve alteração na construção das palavras.	Sousa (2009, p. 58) descreve o elemento de acordo com a ação- varrer, compreende-se como, v. tr. pentear o cabelo, varrer um local.
16	to	to'	cuia	Não houve aplicação e alteração da lexia.	Sousa (2009, p. 102) apresenta como, n. cuia (certo tipo de planta da família das bignoniáceas, <i>Crescentia cujete</i> L.).
17	to	kayito'	panela	No campo semântico "casa", inseriu-se os morfemas (kayi).	Sousa (2009, p. 102) apresenta como, n. cuia (certo tipo de planta da família das bignoniáceas, <i>Crescentia cujete</i> L.).
18	to	kayito'	Jarra, pote.	No campo semântico "casa", inseriu-se os morfemas (kayi).	Sousa (2009, p. 102) apresenta como, n. cuia (certo tipo de planta da família das bignoniáceas, <i>Crescentia cujete</i> L.).
19	to	kayito'	balde	No campo semântico "casa", inseriu-se os morfemas (kayi).	Sousa (2009, p. 102) apresenta como, n. cuia (certo tipo de planta da família das bignoniáceas, <i>Crescentia cujete</i> L.).
20	kwit~kit, wak	kit	faca	Em Oro Nao' é comum o uso da variante (kit).	Sousa (2009, p. 131) indica três relações ao termo faca, n. faca (instrumento cortante, constituído de lâmina e cabo), variante, <i>wak</i> .
21	rikoti-wak.	kit	machado	Em Oro Nao', usa-se a variante (kit).	Sousa (2009, p. 131) indica três relações ao termo faca, n. faca (instrumento cortante, constituído de lâmina e cabo), variante, <i>wak</i> .
22	tokojami kit	kotene kit	terçado	No campo semântico "casa" em Oro Nao' inseriu-se os	Sousa (2009, p. 103), descreve: n. terçado (nome dado a um facão grande).

				morfemas (kotene) aumentativo.	
23	Não há	mam an tiki wa piye	tipoia	Não houve.	Não há descrição apresentada por Sousa (2009).
24	waw	wao	cesto	Não houve alteração de construção de palavras.	Sousa (2009, 119) descreve, como: n. nome dado a cesto feito com talo de tucumã.
25	koko	koko	paneiro	Não houve alteração de construção de palavras.	Sousa (2009, p. 72) descreve, como: n. paneiro, cesto, variante, <i>kwata</i> , <i>koko</i> .
26	kajikoko	kayikoko	bolsa	Não houve alteração de construção de palavras. Apenas na compreensão de sentido aplicado ao objeto.	Sousa (2009, p. 69) descreve, como: n. peneira (objeto formado de fios entrançados, de tela etc., e usado para separar substâncias reduzidas a fragmentos, retendo as partes mais grossas).
27	tomowat	kayikoko	saco	Houve alteração na construção das palavras, variantes. Em Oro Nao', utiliza-se a aplicação /koko/ ao invés de /kwata/, comum em Oro Mon.	Sousa (2009, p. 98) apresenta a descrição do termo, como: n. saco (estopa, papel, pano, plástico etc.).
28	jok niri	jok niri	peneirar (a mandioca ser peneirada)	O termo requer um elemento específico a ser peneirado.	Sousa (2009, p. 66) apresenta formações que se aplicam aos valores específicos, Jok niri - peneirar mandioca.
29	kajikoko	kayikoko	peneira	Não houve.	n. peneira (objeto formado de fios entrançados, de tela, etc., e usado para separar substâncias reduzidas a fragmentos, retendo

					as partes mais grossas).
30	to	kayito	garrafa	No campo semântico “casa”, inseriu-se os morfemas (kayi).	Sousa (2009, p. 102) apresenta como, n. cuia (certo tipo de planta da família das bignoniáceas, <i>Crescentia cujete</i> L.).
31	Não há	sabão	sabão	Empréstimo da língua portuguesa do campo semântico “casa”.	Sousa (2009) não apresenta o termo.
32	naran	kayinaram	vela	No campo semântico “casa”, inseriu-se os morfemas (kayi).	Sousa (2009, p. 85) apresenta o termo, como: n. nome dado para luz, tocha, lamparina.
33	naran	kayinaram	lamparina	No campo semântico “casa”, inseriu-se os morfemas (kayi).	Sousa (2009, p. 85) apresenta o termo, como: n. nome dado para luz, tocha, lamparina.
34	Não há	kayipana	bengala	Não há.	Equivalente à árvore, madeira. Sousa (2009, p. 92) apresenta ‘pana’ como um termo genérico que se atribui também a ‘banco’, assento com ou sem encosto. Indica também como batuque, festa (termo relacionado a um ritual para fim de divertimento, atribui a ralo, instrumento de madeira que serve para ralar a mandioca.
35	makon	makon	fio	Não houve observação feita pelo colaborador.	Sousa (2009, p. 80) apresenta a lexia, como: n. corda, fio (cabo de fios vegetais ou sintéticos unidos e torcidos uns sobre os outros).

36	makon	makon	corda	Não houve observação feita pelo colaborador.	Sousa (2009, p. 80) apresenta a lexia, como: n. corda, fio (cabo de fios vegetais ou sintéticos unidos e torcidos uns sobre os outros).
37	pi	pi	agulha	Não houve observação feita pelo colaborador.	Sousa (2009, p. 94), descreve a lexia, como: n. espinho, agulha, anzol.

Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Como podemos observar, há uma relação significativa entre Oro Nao' e Oro Mon. No ítem 7 da tabela 5, a lexia *tatain* em Oro Mon é a mesma a qual foi atestada pelo colaborador em Oro Nao'. O sentido obtido do termo - bater com o martelo, martelar, precisamente, Sousa (2009) discorre a acepção com o mesmo sentido – bater com o martelo.

De acordo com a apresentação dos dados na coluna 2, em Oro Nao', e as demais colunas, que conferem o sentido obtido e atestado pelo colaborador, no próximo ponto, traremos a análise descritiva dos dados e a análise morfológica da lexia para apresentação do sentido.

4.2 Análise descritiva de dados

Os dados apresentados, neste item, são apenas de lexias que se diferem da construção semântica e estrutural-lexical apresentadas por Sousa (2009), mas que são encontrados em Oro Nao', especificamente. Logo, a aplicação em análise será realizada de acordo com a compreensão de cada lexia descritiva e através do viés descritivo compreendido pela formação semântica, lexical e a aplicação de construção de sintagmas nominais de línguas amazônicas, estabelecida por Queixalós e Gomes (2016).

Observamos as construções de caráter em neologia sintática-lexical realizadas com a lexia *kayi* (modificador) + núcleo (modificado) em Oro Nao'.

(6a)

*xirim'*NOUN²⁰

'casa'

(6b)

kayixirim'

ka-yi-xirim

N-CLF-NOUN

3SG-tipo²¹-casa

'casa com telhas' Lit.: um tipo de casa

(7a)

wi

NOUN

'esteira' Lit.: cama

(7b)

kayiwí

ka-yi-wi

N-CLF-NOUN

3SG-tipo-esteira

'rede' Lit.: rede de pescar ou de dormir.

(8a)

to

NOUN

'cuia'

²⁰ As lexias que se correspondem a substantivos nesta seção serão nomeadas com a representação NOUN.

²¹ Apontes (2015, p. 93) aplica a construção lexical à espécie.

(18.a)

kaji-kon komem

Espécie-3SG.M.GEN veado

"bode macho"; "espécie macho de veado"

(8b)

*kayito*ka-yi²² -to

N-CLF-NOUN

3SG - líquido – cuia

'garrafa' Lit.: panela, jarra, pote e balde.

(9a)

koko

NOUN

'paneiro'

(9b)

kayikoko

ka-yi-koko

N-CLF-NOUN

3SG-tipo-paneiro

'peneira' Lit.: bolsa, saco.

(10a)

naram

NOUN

'luz'

(10b)

kayinaram

ka-yi-naram

N-CLF-NOUN

3SG-tipo-luz

'vela' Lit.: tocha, lamparina.

(11a)

pana

NOUN

'árvore'

²²Redução alusiva ao verbo transitivo **Ji?AW MI** = “despejar (líquido)” (SOUSA, 2009, p. 66).

(11b)

kayipana

ka-yi-pana

N-CLF-NOUN

3SG-tipo-árvore

'assento" Lit.: banco, poste de energia, bengala.

Os sintagmas de 6 a 11 (a) apresentam formas genéricas aplicadas ao sentido natural sem intervenção de modificações na língua. Nos sintagmas (b), é possível identificar que as palavras foram apresentadas como na maioria dos sintagmas que apresentam modificações, seguindo a ordem modificador + modificado ou predicador + núcleo, sendo que as aplicações apresentam novos valores semânticos aos termos.

Observamos que em (6b), o modificador apresenta um novo sentido, sobressaindo a forma genérica aplicada em (6a) *xirim'*, que ressignifica a uma mudança fora do universo, pelo qual atribui a ideia de que é um termo não indígena, como, por exemplo, casa que possui telhado, feita com telhas, sendo compreendida como um valor lexical da língua incorporado ao núcleo para viabilizar um novo elemento.

Analisamos que em (7b), o processo é o mesmo, mas o sentido compreendido pelo modificador aplicado ao núcleo do sintagma apresenta um sentido específico, visto que 'esteira' em tradução para o português (PB), entende-se que significa 'o lugar em que dorme', compreendido por uma noção hiperonímica de que seria algo em que se dorme, descansa, assim sendo o sentido literal obtido 'cama, rede de pescar ou de dormir'.

É possível observar que a representação do sintagma em (8b) possui um modificador *kayi* em que os morfemas y^2 ²³. Segundo Sousa (2009, p.66), é uma forma reduzida do verbo transitivo *Jl?AW MI* = "despejar (líquido)", anteposto ao núcleo, apresentando sentido algo, recipiente utilizado para reservar água, como, panela, jarra, pote e balde.

O sintagma em (9b) apresenta em sua gênese "objeto formado de fios entrançados, de tela, etc." (SOUSA, 2009, p. 69). Os objetos formados com a estrutura *kayi*, anteposto ao núcleo, formam valores de lexias com noções semânticas do

²³ Descrição dos morfemas de acordo com a representação alfabética proposta pelo colaborador. Sousa (2009) utiliza os morfemas *ji*.

mesmo elemento aplicador *koko*, como, bolsa, saco e peneira, ambos os termos formados pelo mesmo processo, com a lexia anteposta ao núcleo.

Em (10b), a lexia *kayi*, o modificador, anteposta ao núcleo *naram*, apresenta formações lexicais que se relacionam ao sentido genérico, 'luz', como, vela, tocha, lamparina.

Ao observar a formação do processo compreendido em (11b), a lexia apresenta a estrutura *kayi*, anteposta ao núcleo *pana* referente à forma inicial do objeto (madeira/árvore). Sendo assim, a apresentação de novos elementos podem surgir de uma mesma forma, como, banco, poste de energia e bengala – sentidos obtidos pelo colaborador.

Apresentamos nos itens (12a) e (12b) as lexias formadas com morfemas (núcleo - modificado), antepostos ao CLF *yi* (modificador), seguidos de outro elemento (núcleo) pertencente à construção e outro elemento anteposto (modificador), os morfemas *tiki + pain* ao núcleo *xirim'*.

(12a)

panayi xirim

pana-yi xirim'

NOUN-CLF NOUN

árvore-tipo casa

'caibro'

(12b)

tikipain xirim

tiki-pain xirim

NOUN-ADV NOUN

costas-dentro casa

'parede' Lit.: aquele tipo de costas da casa

A sentença formada em (12a) apresenta elementos relacionados à forma. A lexia genérica, árvore *pana* (modificado) com o morfema posposto *yi* com função de (modificador), seguido da lexia *xirim'*, é compreendido como objeto central que é utilizado para sustentar a construção de uma casa – caibro.

O sintagma nominal em (12b) apresenta a construção *tikipain+ xirim'*. Os morfemas *tiki* antepostos ao advérbio *pain*, seguido da lexia *xirim'*, apresentam a

estrutura que se compreende como aquele tipo de costas da casa.

Ao observar as aplicações realizadas nas sentenças (12a) e (12b), podemos conferir que é de traço comum modificadores serem afixados pospostos ao núcleo central, denotando uma nova entidade em línguas amazônicas.

Nas construções em (12a), (12b) há a inversão da ordem que seguiu nos exemplos 6, 7, 8, 9, 10, 11 (b) em que o modificador (CLF) *yí* segue o núcleo (NOUN). Nas sentenças em (12), o modificado está anteposto ao modificador.

A construção em Katukina Kanamari exemplificada por Queixalós e Gomes (2016), a seguir, apresenta que há possibilidade de compreensão na ordem dos elementos descritos na sentença na maioria das línguas indígenas amazônicas.

(13) Katukina Kanamari
dyara-na **wu** [**anya** **bak-nin**]
 não-índio-ERGATIVO querer mulher ser.bom-NÃOFINITO
 'Branco gosta de mulher bonita.
 (QUEIXALÓS; GOMES, 2016, p. 11).

Sobre (13), expõem os autores:

Toda vez que o modificador responde positivamente ao teste de pode instituir um constituinte com distribuição de sintagma nominal, como é o caso do **bak-nin** [...] não há mudança alguma na ordem canônica, o modificador continua precedendo o modificado. (QUEIXALÓS; GOMES, 2016, p. 11, grifo dos autores).

As observações em 14, 15 e 16 ('a' e 'b') apresentam os sintagmas nominais sem modificações lexicais, mas com ressignificações usuais para termos diversos de neologia semântica em que a mesma entidade possui inúmeros sentidos dentro do campo em que é apresentada.

(14a)
man
 NOUN
 'buraco' Lit.: porta, janela

(14b)

pa na man

pa na man

V AGREE NOUN

abrir 3SG porta

'A porta está aberta'

(15a)

makon

NOUN

'cipó' Lit.: fio de energia elétrica, corda.

(15b) Oro Waram - variante do grupo Wari

makon ka²⁴opan

opa-n

NOUN REL ADJ-3SG.N.GEN²⁵

corda duro

'A corda que é dura'

(APONTES, 2015, p. 124, grifo nosso)

(16a)

pi

NOUN

'espinho' Lit.: agulha, anzol.

(16b) Oro Waram - variante do grupo Wari

ma? fɪkape na pa? tinɔn pi?] mam pa? wa wijimaŋ ham

Ter um 3SG 1SG pontiagudo espinho FINAL.matar INF DIM.3N peixe

'Um anzol que serve para matar peixinhos existe para mim';

(APONTES, 2015, p. 295, grifo nosso).

Os sintagmas 14, 15 e 16 (a) apresentam conceitos relacionados ao seu

²⁴ Apontes (2015, p. 124) apresenta as lexias (ka) e (ko) como relativizadores utilizados para codificar nomes do gênero neutro, sendo *ka* - para neutro e *ko* - para masculino e feminino.

²⁵ Apontes (2015) em seu estudo apresenta especificamente a utilização do REL (ka) e descreve a frase. Para esta amostragem, detalhamos o dado para corroborar com o item 15a. Sendo assim, descrevemos o dado da frase, alterando a proposta realizada por Apontes.

princípio lexical em formação, com termos pertencentes ao universo indígena.

É possível compreender em (14a) que *man* possui o sentido genérico ‘buraco’. No campo semântico casa, a entidade apresenta o valor semântico de porta e janela. De acordo com o vocábulo ‘buraco’, o termo expandiu-se em aplicação ao que se refere a ‘acesso a’ algum lugar, assim como pode ser observado na sentença apresentada em (14b) em que ‘buraco’ passa a exercer a função de uma nova entidade ‘porta’.

Assim como o sentido genérico no enunciado (9a), a construção semântica aplicada em (15a) conceitua-se de acordo com a forma do ‘objeto’ – cipó. A forma de sua gênese define a construção aplicada às novas entidades, fio de energia elétrica e corda. O exemplo (15b) apresenta seu uso em uma sentença em que o vocábulo ‘cipó’ passa a exercer uma nova entidade ‘corda’.

A construção semântica em (16a) apresenta *pi* como espinho, logo a compreensão semântica expande seu vocábulo para anzol e agulha. É possível observar a aplicação do termo em sentença, como podemos verificar em (16b), em que o elemento descrito por Apontes (2015) em seu conceito descritivo em Oro Waram, variante do grupo Wari, apresenta a definição de ‘espinho’ e em seu conceito sentencial, a lexia *pi* em construção da sentença referencia uma nova entidade ‘anzol’, como é aplicada em seu conceito neónímico semântico em Oro Nao’.

Vejam os exemplos em Oro Nao’ as construções sintagmáticas que apresentam uma nova entidade, objetos introduzidos culturalmente ao universo Oro Nao’ - Wari’.

(17)

<i>mam</i>	<i>kao</i>	<i>to</i>	<i>wa</i>
FINAL.	V.	V.PL.	INF
		comer	estar

‘mesa’ Lit.: lugar com a finalidade de nos reunimos para comer.

(18)

<i>mam</i>	<i>ton</i>	<i>ho</i>	<i>wa</i>
FINAL.	V.	ADV.	INF
	varrer	agora/rápido	

‘vassoura’ Lit.: objeto usado com a finalidade de varrer agora/rápido.

(19)

mam an tiki wa piye
 FINAL. V. NOUN INF. N.SG.
 levar costas criança

‘tipoia’ Lit.: objeto usado nas costas com a finalidade de carregar/levar a criança.

As sentenças (17), (18) e (19) possuem em início dos sintagmas a lexia *mam*, a entidade (modificador) que representa a finalidade a ser compreendida ao elemento verbal e se aplica de forma anteposta ao núcleo (verbo) *kao*, *ton* e *an*. É possível observar que, na construção da sentença, os verbos passam a exercer uma nova entidade, mudam de categoria, passam de verbal para nominal, passando a ser compreendida em sua semântica a partir das lexias pospostas ao núcleo que os seguem e associam a função em sentido a cada objeto.

(20)

Oro Waram - variante do grupo Wari

mam tBy ka ?awom
 FINAL. fiar REL algodão

‘fuso’ Lit.: instrumento para fiar algodão, ‘o que tem a finalidade de fiar o algodão’
 (APONTES, 2015, p.140).

Apontes (2015, p. 140) escreve que uma das funções em construções nominais em forma de sintagma iniciado com a forma dependente *mam* apresenta a função de indicar uma entidade relacionada ao que se faz algo, instrumento a ser utilizado.

É possível observar que, em Oro Waram, como descreve Apontes (2015), o mesmo processo é possível em que uma sentença verbal apresentada ressignifica uma função a uma entidade; logo, vale ressaltar que a formação segue a nominalização de um termo concentrado na ordem (modificador + modificado + (complemento)). O complemento em si possui uma grande função na sentença; sendo assim, as lexias pospostas ao núcleo representam a noção de sentido ao novo instrumento.

Assim como os processos para representação de uma nova lexia podem ser apresentados de inúmeras formas, no Oro Nao’, é possível observar que existem processos que mostram a lexia para um novo sentido, significado. Em construções de

relações sintagmáticas, existem elementos que evidenciam o processo de nominalização. Sendo assim, a semântica é responsável pela apresentação de um novo elemento ao universo indígena, quando este se faz referência ao objeto já existente na sociedade indígena, ao passo que novas estruturas em relações sintagmáticas são formadas, palavras existentes na própria língua unem-se e propiciam a compreensão de uma nova entidade em referência ao novo.

O tópico seguinte visa apresentar a relação da teoria referente aos elementos descritos e o panorama da neónimia em estudos de construções sintagmáticas.

4.3 Discussão dos resultados

Após a observação das descrições apresentadas, podemos inferir que não há uma única forma de apresentar a construção neónimica dos sintagmas morfológicos em Oro Nao'.

Constatamos então que o léxico em Oro Nao' se distingue de uma das variantes do grupo, como foi possível observar com a comparação no estudo realizado por Sousa (2009).

A formação de aspectos que se categorizam de acordo com a neologia por formação nominal se relaciona de forma significativa pelo fato de que os elementos são justapostos, o que supriu a dedução no início das pesquisas, pois, como foi apresentado, morfemas foram afixados a um elemento, formando assim uma nova entidade.

No início deste estudo, hipotetizava-se que *kayi* seria uma das formas que contribuiriam para formação de uma nova entidade.

No decorrer do estudo, podemos observar que não só há um único aspecto para a formação de uma neologia em Oro Nao'. Os morfemas afixados se encontram e formam novas palavras com sentidos associativos, observando assim que são morfemas antepostos a um radical, como podemos verificar na Tabela 6 abaixo:

Tabela 6 – Formações com *kayi*

Neologia	Palavra primitiva	Tradução em Português da neologia	Associação à entidade
kayixirim	xirim'	casa feita com telhas.	Casa

kayiwí	wi	rede de pescar ou de dormir.	esteira, cama
kayito	to	panela, jarra, pote e balde.	Cuia
kayikoko	koko	peneira, bolsa, saco.	Paneiro
kayinaram	naram	vela, tocha, lamparina.	Luz
kayipana	pana	assento, banco, poste de energia, bengala.	Árvore

Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Podemos observar também que outros morfemas *-yi* afixado à lexia *pana* seguido do núcleo *xirim* formam a palavra *panayi xirim* – sentido de ‘caibro’ e *tiki+pain* seguido de *xirim* formam a palavra *tikipain xirim* – sentido de ‘parede’. São elementos importantes que apresentam uma nova ideia a um elemento, requerendo assim um maior amadurecimento em estudos futuros para que esses formadores sejam descritos em outros exemplos. Além disso, podem ser entendidas como outras possibilidades de pesquisa a ponto de observar os seus critérios de formações e utilizações.

O estudo evidenciou, também, de forma significativa, que a semântica é uma das estratégias linguísticas utilizadas pelos falantes Oro Nao’ para refletir o conhecimento de mundo a novas representações no ambiente em que vivem, como podemos ver na Tabela 7 abaixo.

Tabela 7 – Novo conceito à entidade em Oro Nao’

Conceito	Palavra primitiva	Significado do conceito	Significado da palavra primitiva
man	man	porta, janela	Buraco
makon	makon	fio de energia elétrica, corda	Cipó
pi	pi	agulha, anzol	Espinho

Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Seguindo o aspecto de criação de novas entidades, foi possível observar na descrição dos dados que houve um processo de nominação de um referente para suprir a necessidade de um novo conceito, sendo atribuído pela estrutura *mam*, como vemos abaixo na Tabela 8.

Tabela 8 – Processo de nominalização *mam*

Construção frasal	Significado da construção frasal
mam kao to wa	mesa
mam ton ho wa	vassoura
mam an tiki wa piye	tipoia

Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

A partir dessas consultas realizadas na descrição dos dados com o estudo do tema realizado, foi possível perceber que existem pesquisas que se relacionam com o contexto linguístico do grupo Wari' da família linguística Txapakura, como foi possível observar durante esta amostragem em dados sobre a relação dos sintagmas em línguas amazônicas.

Portanto, a descrição dos elementos do campo semântico “casa” teve, em seu propósito, evidenciar os processos que os apresentam.

Constatamos assim a relação da formação das palavras e as suas ressignificações.

Assim como Kubuvá (2009) evidencia, o léxico de acordo com a sua idealização passa por etapas até se tornar fixo e usual, compreendido como institucionalizado, por conseguinte, Guilbert (1974) ao apresentar estudos sobre o léxico e a semântica, conceitua que a origem de uma nova palavra ou sentido se manifesta pela combinação de elementos, como vimos nos dados específicos da tabela 6.

Na tabela 7, também é possível observar que os processos os quais Guilbert (1974) apresentou sobre o léxico e seu valor ressignificativo corroboram com os dados quando refletem as ideias de novas lexias e sua formação e que não possuem uma única forma, pois há inúmeros referentes em sua construção lexical.

A apresentação de Guilbert sobre a neónimia é válida quando vimos, exemplos, como *man*, *pi* e *makon* se relacionam de acordo com o ambiente em que é aplicado.

Ainda neste seguimento, refletimos sobre a amostragem dos dados desta seção que o léxico é a evidência da realidade extralinguística, a visão de mundo, a cultura, são reflexos de ligações, referenciais e inserções de novos objetos ao mundo indígena que corroboram de certa forma para que elementos que poderiam ser empréstimos, são adotados com elementos da língua para serem usuais de acordo com o uso de como os sintagmas se relacionam com o novo uso através de seu

conjunto de morfemas, em que transparece a identificação semântica de um novo item para apresentar a riqueza linguística existente, neste estudo em Oro Nao'.

Assim como Kehdi (2003) expõe sobre as derivações, observamos o processo de forma evidente em *mam kao to wa*, *mam ton ho wa* e *mam an tiki wa piye* que de acordo com os elementos inseridos na construção frasal, um termo passa a assumir um novo significado, mudando assim, a sua classe. No Oro Nao', por exemplo, o valor frasal, é compreendido em uma forma nominal.

Sendo assim, a partir desta reflexão tomada pelos autores que corroboraram com este estudo, seguimos para as considerações finais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao observar o campo semântico na Tabela 5, podemos inferir que as relações sintagmáticas descritas apresentam processos que são compreendidos após o aspecto descritivo de cada enunciado.

Este estudo teve por maior finalidade apresentar as construções neonímicas do Oro Nao', a língua em suas múltiplas idealizações, sendo assim o objeto de estudo deste trabalho.

Apresentamos em conjunto aos estudos realizados por Sousa (2009), Birchall (2018), Camargos e Apontes (2018), Apontes (2015) e Angenot-de-Lima (1997), referenciais que contribuíram para conhecermos os padrões estabelecidos pela língua Wari – Família linguística Txapakura e suas variantes. Os autores que estudam o fenômeno da neologia tiveram grande parcela na compreensão dos dados a serem analisados: Guilbert (1974) para a compreensão da neologia semântica; Queixalós e Gomes (2016) em estudos referentes aos sintagmas nominais em línguas amazônicas; Barbosa (1978) em estudos sobre o léxico e sua institucionalização. Vilaça (1992), em seus estudos sobre os Wari', foi de suma importância para compreender os aspectos culturais e o contato com os não indígenas.

Durante a apresentação desta dissertação, observamos os processos da neologia e da neonímia, o conceito que se compreende ao novo, por novas estruturas e ao ressignificado através de elementos da língua dentro de uma comunidade de fala. Visto que seu aspecto é identificado no conhecimento que se tem sobre as línguas, pois de acordo com as aplicações descritas as mudanças são compreendidas, especificamente em Oro Nao'.

Ressaltamos também que o ambiente define e estabelece a ação mutatória da língua que, com o passar do tempo, se modifica e novas construções surgem de acordo com objetos introduzidos culturalmente ao ambiente.

Compreendemos que a linguagem expõe um cenário novo e não se estagna, seu uso ativo requer mudanças, e novas construções surgem, como apresentam Guilbert (1974) e Alves (1996 e 2006) mediante o termo "criatividade lexical".

Em Oro Nao', os processos refletem a inserção lexical advinda referente a objetos não indígenas e ressaltam que a língua viva reflete criações e ressignificações aos elementos culturais internos.

Podemos observar que como supomos, *kayi* apresenta uma função em construções de caráter em neologia semântica-lexical em que o (modificador) + núcleo (modificado) em Oro Nao' relacionam-se e o processo neonímico é aplicado.

Queixalós e Gomes (2016) apresentam que o processo visto, é comum em línguas amazônicas. Assim podemos ressaltar também que *yi* é uma base formadora de novas lexias em Oro Nao' usual de forma posposta ao núcleo (entidade a ser modificada); e quando afixados, representam um processo que compreendemos como neologia semântico-lexical, na medida em que um elemento age internamente em uma estrutura nominal e determina um novo sentido ao núcleo. Ao realizar esse processo, a entidade passa a obter um novo valor, como vimos, por exemplo, em 7a.

Ao analisar os sintagmas de 9a a 11b, observamos que a representação léxica pode incorporar e descrever vários sentidos, como apresentado nos itens em que a semântica viabiliza valores relacionados às entidades. A função cultural antes obtida é ressignificada e conceitualiza um valor linguístico.

Por fim, em análise, verificamos que *mam* – FINAL, ao introduzir a construção dos sintagmas analisados em (12), (13) e (14), nominaliza os termos pospostos a ele, representando assim uma finalidade, e a sentença passa a representar uma função nominal.

Observamos também que, assim como na maioria das línguas indígenas, o processo da neologia acontece de forma em que há uma ordem interna que se aplica à entidade, assim a ressignificando em seus processos, sendo eles, semântico, estrutural e/ou lexical.

Diante deste contexto, esta amostra servirá como apoio para novas pesquisas para linguistas que queiram conhecer a riqueza que existe no grupo Wari'. A pesquisa não apresentou apenas um registro, mas também promoveu reflexões que revelam a diversidade existente em nosso país.

Ressaltamos, por fim, a importância da preservação linguística frente a tantas mudanças que são impostas e que acontecem no mundo.

REFERÊNCIAS

ALTINI, Emilia (org.). **Mapas Nekukun Oro Waram Oro Waram Xijein Oro Mon.** (RO): CIMI – Conselho Indigenista Missionário, 2004.

ALTINI, Emília. **Universo cultural oro nao'**. Volume 1. Porto Velho (RO): CIMI – Conselho Indigenista Missionário, 2006.

ALTINI, Emilia; MONSERRAT, Ruth (org.). **Universo Cultural Oro Wari.** Volume 1. Porto Velho (RO): CIMI – Conselho Indigenista Missionário, 2001.

ALVES, I. M. **The concept of neology: from lexical description to linguistic planning.** Alfa São Paulo, v. 40, p.11-16, 1996.

ALVES, Ieda Maria. **A observação sistemática da neologia lexical: subsídios para o estudo do léxico.** Alfa, São Paulo, 50 (2): 131-144, 2006.

ANGENOT DE LIMA, GERALDA (1997). **Fonotática e fonologia do lexema panchapakura.** 1997. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal Rondônia, Guajará-Mirim, 1997.

ANGENOT, Jean-Pierre; ANGENOT DE LIMA, Geralda. **Sobre a reconstrução do Protochapakura.** Hein van der Voort & Simon van de Kerke (eds.), Indigenous Languages of Lowland South America [Indigenous Languages of Latin America, p. 53-70, 2000. Leiden: Research School of Asian, African, and Amerindian Studies (CNWS).

APONTES, Selmo Azevedo. **Descrição gramatical do Oro Waram, variante Wari' Norte (Pakaa Nova, Txapakura): fonologia, morfologia e sintaxe.** 2015. Tese Doutorado. Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

BARBOSA, Maria Aparecida. Aspectos da dinâmica do neologismo. *In: Língua e Literatura*, n. 7, Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), p. 185-208, 1978.

BIRCHALL, Joshua. **Historical change in reported speech constructions in the Chapacuran family.** Journal Of Historical Linguistics, [s.l.], v. 8, n. 1, p.7-30, 20 jul. 2018. John Benjamins Publishing Company. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1075/jhl.00003.bir>. Acesso em: 01 abr. 2022.

BIRCHALL, Joshua. **Relatório Wari'-PAV.** Acervo de Línguas e Culturas Indígenas do Museu Paraense Emílio Goeldi. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2018.

BIRCHALL, Joshua; Dunn, MICHAEL; Greenhill, Simon J.. **A combined comparative and phylogenetic analysis of the Chapacuran language family.** International Journal of American Linguistics, v. 82, n. 3, p. 255-285, 2016.

CAMARGOS, Quesler Fagundes; APONTES, Selmo Azevedo (org.). **Propriedades gramaticais dos sintagmas verbais em Oro Wari' (Txapakura)**. Ji-Paraná, RO: UNIR-DEINTER, 2018.

CARVALHO, Nelly Medeiros de. **A criação neológica**. Revista Trama, v. 2, n. 4, p. 191-203, 2. semestre/2006.

CHANCELLERIE FÉDÉRALE; Section de soutien à la communication. **Guide de Néologie Terminologique**. Berne: Chancellerie fédérale, 2014.

DICIO. **Embrulhar**. Dicionário online de Português, 2009-2022. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/embrulhar>. Acesso em: 21 jul. 2021.

EVERETT, D. L.; KERN, B. **Wari'**: The Pacaas Novos Language of Western Brazil. Taylor & Francis e-Library, 1997.

GUILBERT, Louis. **Grammaire générative et néologie lexicale**. In: Langages, 8^e année, n. 36, 1974.

GUILBERT, Louis. **La créativité lexicale**. Paris, Larousse, 288 p. (Langue et langage/Larousse Université), 1975.

GUILBERT, Louis. **La néologie**. In: *Grand Larousse de la langue française*, t. 4. Paris, Larousse, 1975a.

JESUS, Ana Maria Ribeiro de. **Tipologias dos neologismos**: breve percurso histórico. GTLex. Uberlândia, v. 4, n. 1, jul/dez. 2018.

KEHDI, Valter. **Formação de palavras em português**. 3. ed., São Paulo: Editora Ática, 2003.

KERN, Barbara. **Versão Preliminar do Dicionário da Língua Wari'** (Pacaas Novos). Guajará-Mirim: Missão Novas Tribos do Brasil, 1996.

KERN, Barbara; MANTOVANI, Maria Teresa. **Noro Xin Capijaxi'**: vamos ler a nossa língua. Manaus: Missão Novas Tribos do Brasil, 2007.

KUBOVÁ, Kristýna. **Neologisms in English**. 2009. Tese (Doutorado em Linguística) - (Masarykova Universita Filozofická Fakulta,

LEÃO, Auxiliadora Cruz de Sá; AZANHA, Gilberto; MARETTO, Luis Carlos. **Estudo socioeconômico sobre as terras e povos indígenas situados na área de influência dos empreendimentos do rio Madeira (UHes Jirau e Santo Antônio)**. Brasília, mar. 2005.

LEITE, MS. **Transformação e persistência**: antropologia da alimentação e nutrição em uma sociedade indígena amazônica [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2007, p. 239.

MACEACHERN, Margaret R., KERN, Barbara; LADEFOGED, Peter. Estruturas fonéticas Wari'. **Journal of Amazonian Languages**, v. 1, n.1, p. 3-28, 1997.

MARTINES, George Vergés. **Aspectos semânticos dos nomes classificados em Munduruku**. 2007. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

MAX PLANCK INSTITUTE 2015. **The Leipzig Glossing Rules**: Convention for interlinear morpheme-by-morpheme glosses. Disponível em: <https://www.eva.mpg.de/lingua/resources/glossing-rules.php>. Acesso em: 10 abr. 2021.

MORI, Angel Corbera. Classificadores e formação de palavras em línguas indo americanas. *In*: **ANPOLL**. Atas do I Encontro Internacional do Grupo de Trabalho sobre Línguas Indígenas da Anpoll: Línguas Indígenas Brasileiras: Fonologia, Gramática e História. Sobre Línguas Indígenas da Anpoll. Atas Tomo II. Universidade Federal do Pará. UFPA. 1 jan. 2002.

OLIVEIRA, M. *et al.* Os neologismos em línguas indígenas. **Revista Socioleto**, v. 5, n. 13, 2014.

ORO NAO', Abrão; VILAÇA, Aparecida. **Kapijaxi' Pain Ka Wari' Nexi**: identidade étnica histórica e língua materna 5º, 6º, 7º, 8º e 9º anos. Rio de Janeiro, 2014..

QUEIXALÓS Francesc; GOMES Dionei M. (org.). **O sintagma nominal em línguas amazônicas**. Campinas-SP: Pontes Editores, 2016.

QUEMADA Bernard. **À propos de la néologie**. Essai de délimitation des objectifs et des moyens d'action, La banque des mots, n. 8, p. 137-151, 1971.

RAMIREZ, Henri. Etnônimos e topônimos no Madeira (séculos XVI-XX): um sem-número de equívocos. **Revista Brasileira de Linguística Antropológica**, v. 2, n. 2, dez./2010.

RAMIREZ, Henri. **Línguas indígenas brasileiras**: classificação e tipologia. Apostila utilizada no curso de Mestrado em Ciências da Linguagem, da Fundação Universidade Federal de Rondônia, Campus de Guajará-Mirim, 2006.

RAMIREZ, Henri. **Pesquisa de campo e análise linguística**. Apostila utilizada no curso de Mestrado em Ciências da Linguagem, da Fundação Universidade Federal de Rondônia, *Campus* de Guajará-Mirim, 2012.

SAPIR, Edward. (1921). **Language an introduction to the study of speech**. New York: Harcourt. Brace, 2004.

SAPIR, Edward. **Linguística como ciência** Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SENLE, Marília; SANTOS, Tiago Moreira dos. (org.). **Nós, os Wari' de Sagarana: levantamento socioambiental da Terra Indígena Sagarana**. 1. ed. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2017.

SOUSA, Maria de Fátima Lima de. **Dicionário da Língua Wari'** dialeto Oro Mon – Português. 2009. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR, Campus de Guajará-Mirim, 2009.

TELES MAEDA, Cláudia. **Atualização das vogais embutidas no onset das sílabas em Oro Eo**. 2000. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Fundação Universidade Federal de Rondônia, Guajará-mirim, 2000.

TOSUE, F.C; PEREDO, T.S. **Neologismos em Oro Nao'**: campo semântico "casa". 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Fundação Universidade Federal de Rondônia, Departamento Acadêmico de Ciências da Linguagem, Guajará-Mirim-RO, 2014.

VILAÇA, Aparecida. **Comendo como gente**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ e ANPOCS, 1992.

ANEXOS

CAMPO SEMÂNTICO CASA E ALIMENTOS

QUESTIONÁRIO PARA PESQUISA DE CAMPO

1. casa
2. praça
3. porta
4. telhado
5. tapiri (choça, cabana)
6. aldeia
7. povoado
8. cidade
9. poste
10. caibro
11. parede
12. cerca
13. prego
14. pregar
15. martelo
16. mosquitoeiro
17. lata
18. lâmina (de alumínio) = zinco
19. assento
20. banco
21. mesa
22. esteira
23. cama
24. rede (de dormir)
25. berço
26. lixo
27. vassoura
28. pote
29. panela
30. cântaro
31. vasilha
32. jarra
33. balde
34. prato
35. copo
36. caneco
37. colher
38. faca
39. cabo
40. machado
41. terçado
42. tesoura
43. tipóia
44. cesto
45. balaio
46. paneiro
47. panacu
48. bolsa
49. saco
50. peneira
51. peneirar (amendoim)
52. coar (leite, cauim)
53. caixa
54. mala
55. garrafa
56. vidro
57. sabão
58. vela
59. lamparina
60. lanterna
61. escada

62. jirau
63. cocho (de cauim)
64. bengala
65. bastão
66. gancho
67. fio
68. corda
69. fuso
70. agulha
71. colar
72. miçangas
73. brinco
74. bracelete
75. espelho
76. retrato
77. imagem
78. abano
79. abanar
80. pente
81. pentear <p.-se bem> <p. os cabelos>
82. varrer <v. a casa, as folhas, as migalhas do chão>